

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE LETRAS



ANO XIV - Nº 20
PIRACICABA - 2023

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

2023



APL
Academia
Piracicabana de
Letras

Ano XIX – nº. 20
Piracicaba – Outubro de 2023

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na
Rua Prof. José Martins de Toledo, 109, sala 01 - Jaraguá
CEP 13403-032, em Piracicaba.
E-mail: academiapiracicabana@gmail.com
Site: academiapiracicabana.com.br
Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITORA RESPONSÁVEL:
Ivana Maria França de Negri

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada ao Editor no seguinte endereço eletrônico:
E-mail: ivanamfn@yahoo.com.br

CONSELHO EDITORIAL:
Evaldo Vicente
Edson Rontani Júnior
Ivana Maria França de Negri
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:
Ivana Maria França de Negri

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Monique F Carvalho (19) 99343-7876

PRODUÇÃO GRÁFICA:
Primeira Leitura

* * *

Os textos apresentados espontaneamente para esta edição são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

ÍNDICE

Antonio Carlos Fusatto - Estela / Doce ilusão / Emoções da primavera / Juramento / Contemplação	7
Antonio Filogenio de Paula Junior - Um folheto, um reconhecimento	13
Aracy Duarte Ferrari - Reflexão educacional / Imigração portuguesa.....	14
Armando Alexandre dos Santos - A contribuição do cristianismo para a antropologia	25
Barjas Negri - Piracicaba tem 423 mil habitantes	32
Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal - Minha jornada literária: gratidão / A dança como unidade	34
Carmelina de Toledo Piza - Deusas em mim	39
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto - Dispersão / Reflexões com Dom Quixote / Esculpir o tempo.....	41
Cassio Camilo Almeida de Negri - A jabuticaba / O velho sábio e a guerra	44
Christina Aparecida Negro Silva - Um continho do fim do mundo.....	47
Elda Nympha Cobra Silveira - Bordadura / Amigo oculto.....	53
Elisabete Bortolin - 197ª Festa do Divino	57
Ivana Maria França de Negri - Eu vi... / Ritual / Degustando a vida / Silêncios	64
João Umberto Nassif - O banquete	68
Leda Coletti - Acreditar é crescer / Amazônia: chão verde brasileiro... / Páginas viradas / Desejos	72
Marcelo Batuíra Losso Pedroso - Como podemos educar um gato para a vida.....	76
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins - Calorosa e justa ma-	

nifestação / Reminiscências noturnas.....	80
Maria Madalena Tricanico de Carvalho Silveira - Ah... As amigas.....	86
Marisa Bueloni - Guarda teu coração / Com licença / Enfim / Noite e dia	87
Raquel Delvaje - Mares e névoas.....	93
Shirley Brunelli Crestana - Sem plateia / Renovação / Equívoco / Decisão / Meu querer / Se possível fosse / Assim será / Esquema / Sem ninguém / Aroma da manhã / Isso é tudo.....	97
Silvia Oliveira - Entremeio / Ventobrisa / Floranda floremas florins / Eram eras / Valentine's.....	103
Valdiza Maria Capranico - Retalhos de minha vida / Setembro – mais uma vez.....	108
Vitor Pires Vencovsky - Viajando na leitura / Pé torto / Santo ou diabo / O caçula da família / Sorte na vida	112
Walter Naime - Como se fosse / A porca / Respeitável público!!!	117
APL em Ação 2022.....	123
APL em Ação 2023.....	131
Diretoria da Academia Piracicabana de Letras.....	141
Galeria Acadêmica.....	142

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que a Academia Piracicabana de letras (APL) apresenta a sua vigésima edição da revista. Nestes 15 anos que se passaram desde a primeira publicação, a preocupação em mostrar a diversidade da produção literária dos acadêmicos sempre esteve presente. E é desta forma que a APL deve seguir em frente.

Mas 2023 será conhecido como o ano da Inteligência Artificial (IA), indicando para o início de grandes mudanças na forma como lidamos com a informação e o conhecimento. Como sempre acontece quando as novidades aparecem, a preocupação é o que está prevalecendo nos debates sobre essa nova tecnologia.

As vantagens desses serviços baseados em IA são muito grandes. A capacidade em produzir, melhorar e corrigir textos faz deles um aliado para aqueles que gostam de escrever ou fazem dessa arte um ofício. Se bem utilizados, podem aumentar a produtividade do trabalho e produzir conteúdos literários, históricos e jornalísticos muito mais interessantes.

O que a história nos mostra é que as tecnologias estão sempre evoluindo, portanto, o resultado dos trabalhos literários também precisam evoluir. Tudo indica que, através dessas novas tecnologias, mais pessoas irão se tornar escritores e produtores de conteúdos.

Boa leitura!

Vitor Pires Vencovsky

PRESIDENTE

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO **ANTONIO CARLOS FUSATTO**
Cadeira 6 - Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

ESTELA

Estela sorriso terno, muita brandura,
para tudo um riso claro.
Soberbo como o sol nas alturas,
serena como voo d'um pássaro.

Nessa estrada da vida que fascina:
caminha sempre em frente, segue a Luz Divina.
Colhendo bons frutos pelos caminhos,
e, sacia-te nas sábias fontes da vida!...

Enquanto o sol, gostosa e lentamente,
repousa no colo do horizonte.
Eu aqui sentado, observando atentamente,
meus netos brincar de esconde-esconde.

De repente em minha mente,
saltam lembranças desde os nascimentos;
Hoje Samuel e Miguel, em tudo inquirentes
e, Estela saltitante; qual borboletinha que de flor em flor vai oscu-
lando!...

Vocabulário

Inquirir: fazer perguntas, indagar, pesquisar.
Claro: luminoso, iluminado, brilhante, resplandecente.
Opúsculo: pequena obra escrita sobre qualquer assunto.
Ósculo: beijo, beijo da paz e amizade.
Soberbo: grandioso, sublime magnifico, que está mais elevado que
outro, orgulhoso, arrogante.
Saltitar: dar saltinhos frequentes, mostra-se inconstante, divagar de
assuntos.

Esconde-esconde: jogo infantil em que uma criança sai à procura das demais que se esconderam.

Qual: pronome demonstrativo ou indefinido, correspondente a este, aquele, ou um outro.

DOCE ILUSÃO

Nossos olhares se cruzaram na hora certa,
mãos trêmulas suadas, forte emoção.
Cupido gastou todas as flechas,
que foram certeiras em meu coração.

Cabelos esvoaçantes pelo vento,
era lindo sob o sol do dia nascido.
Raios de sol dourados, confundindo com o brilho,
do fulvo cabelo, pelo vento acariciado.

Sorriso de brandura divinal,
faziam cintilantes seu olhar.
Andar volanteante, muito sensual,
seus contornos tinham, lirismo do luar.

A cada encontro, presenteava meus lábios
com, a harmonia e contornos dos seus.
Da forma que começou, rápido acabou nosso idílio;
não consigo entender: o que aconteceu?

Desperto sozinho, com o sol acordando a urora,
alumando a vasta escuridão.
Não é mais o alvorecer de outrora:
um vazio, uma espera... doce ilusão!...

EMOÇÕES DA PRIMAVERA

(Para o meu neto Samuel, pela sua 10ª primavera)

Enquanto Astro rei,
preguiçosamente desperta
no horizonte,

Fulgor incandesce abóboda celeste,
qual lumaréu
de
imensa fogueira.

Miríade diversos insetos,
vagueiam sobre
a
relva húmida
de
orvalho

O bater frenético
das asas,
produzem forte
zumbido,
amenizando apenas
pelo farfalhar das
folhas,
com o passeio
d'uma
brisa morna.

Continuo a caminhar,
com Miguel e Samuel
a meu lado,
sempre a questionar.
De repente!
Aqui, ali, acolá, mais além;
explosões
de cores
balouçantes!...

Inebriam minh 'alma
de
observador.

É primavera!
Esbanjando flores!
Transformando a natureza,
Num jardim multicolor.

Cujo harmonia,

somente

o

Grande Arquiteto do Universo,
sabe organizar!...

JURAMENTO

Meditando,
quase em alfa.
Meus pensamentos
voam,
quebrando tempo
e
espaço.

E,
neste alar,
rumo ao
infinito.
Quero voitar
pelo sideral,
buscando forças
no cosmo.

Para fortalecer
e
proteger;
tão
imenso amor!
Meus queridos
netos!...

Vocabulário

- Volitar: Esvoaçar, vultear, à vontade
- Cosmo: Universo
- Sideral: Relativo aos astros ou próprio deles, próprio céu, sidérico, sidério.
- Alar: Dar asas a imaginação, alçar-se, voar.

CONTEMPLAÇÃO

Noite alta, serena e orvalhada,
murmúrio romântico
do
silêncio,
penetra no esconso
d'alma,
produzindo sensação
de
languidez.

Absorto, contemplando
as estrelas
banhado por um luar
que;
clareia ainda mais, meus
orvalhados cabelos
septuagenários.

Veza ou outra, a magia
é quebrada,
pelo pio d'alguma ave
noturna,
em rasante vôo de caça.

Retorno o devaneio:
"Como cidadão
cósmico
e,
numa longa viagem
astral.

Tenha como
moradia
o Universo
E,
como teto,
a
imensidão estelar
do
sidéreo!..."

Vocabulário

- Languidez: êxtase, enlevação, ebriedade.
- Esconso: escondido, profundo, misterioso.
- Cosmo: Universo.
- Sidéreo: sideral, referente ao próprio céu.
- Devaneio: capricho da imaginação, sonho, fantasia, quimera.
- Languidez: sem forças, sem energia, fraco, extenuado.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO **ANTONIO FILOGENIO DE PAULA JUNIOR**

Cadeira 12 - Patrono: Ricardo Ferraz de Arruda Pinto

UM FOLHETO, UM RECONHECIMENTO

Certa vez, ainda no início dos anos 90, encontrei um folheto sobre o batuque de umbigada escrito pelo saudoso pesquisador Hugo Pedro Carradore.

O material chamava a atenção por alguns motivos, entre eles: a linguagem acessível e a busca por descrever essa cultura de maneira respeitosa, apesar da percepção exógena do autor sobre o fenômeno, o texto apresentava uma lembrança nostálgica e a preocupação pelo possível fim dessa cultura.

Tive o prazer de conhecer e conversar em algumas oportunidades com o Sr. Hugo. Na maioria das vezes os assuntos eram sobre temas relacionados à cultura tradicional em Piracicaba. Em uma dessas conversas pude falar sobre o referido folheto escrito sobre essa expressão cultural afro paulista do médio Tietê.

No entanto, foi grande a sua emoção quando disse-lhe que essa cultura permanecia viva na cidade e região, e que eu era um dos seus herdeiros e mantenedores.

Quando ele ouviu as minhas palavras, a emoção tomou a forma de lágrimas e, nesse momento, me deu um abraço carinhoso que selou a nossa relação de respeito e consideração.

Hoje, ao lembrar e expor esse fato em um texto para a revista da Academia Piracicabana de Letras, o faço em forma de uma singela homenagem a esse homem que foi o primeiro secretário da APL. Ao lado de João Chiarinni, o primeiro presidente da APL, foram responsáveis pela valorização da cultura tradicional local através de vários textos publicados.

Sigo escrevendo de modo subjetivo sobre alguns desses patrimônios imateriais presentes nesta terra, especialmente os que se relacionam ao universo cultural africano na diáspora, pois esses ainda requerem um lugar de anúncio a partir dos seus sujeitos de pertença, para que possam oferecer algo mais de um repertório de saberes ainda pouco conhecidos.

REFLEXÃO EDUCACIONAL

O sistema educacional deve ser constantemente debatido e, em especial quando a crise política, social, moral, assola o país. Enfocar questionamentos básicos visando a melhoria da qualidade de ensino.

Muitas pesquisas têm sido elaboradas e direcionadas ao processo ensino-aprendizagem, em destaque a alfabetização, mola propulsora dos primeiros anos da escola fundamental. Esta tem por objetivo melhorar as técnicas pedagógicas e facilitar o trabalho do professor alfabetizador.

A sociedade modernizou-se, a globalização está presente, a Internet adentrou os lares, a mídia atua numa rapidez galopante. São exigências presentes do século XXI.

Hoje, as crianças ao entrarem para a escola dominam com facilidade e qualidade a linguagem falada porque em acesso a livros, revistas, discos infantis, jogos pedagógicos, e a todo o aparato tecnológico disponível (tablets, celulares, etc). Estão aptas e demonstram prazer em aprender, pois estão prontas a conceber a leitura e a escrita. Fase esta denominada prontidão.

Para essa população infantil das classes média e alta. O teclado do computador já é um instrumento alfabetizador. Mas referindo-me a todas as crianças sem distinção de classe, para que o bom desempenho escolar aconteça é necessário:

- O aluno estar predisposto à aprendizagem;
- O professor alfabetizador estar capacitado e bem remunerado;
- A unidade escolar contar com infraestrutura didático-pedagógica adequada.

Fechando esse trinômio, estão os pais usufruindo da gratuidade da escola pública ou pagando escola particular. Correto!

Vivemos num país democrático onde cada qual assume seu papel. Nada contra! Jamais deixaria alguma crítica à escola particular, como também não aceito comentários infundados que ouvem-se frequentemente à respeito da escola pública.

Depreciar o ensino público é fácil; melhor seria levantar uma série de sugestões viáveis às nossas autoridades educacionais.

Justifico: não utilizar a escola pública, não confere o direito a todos nós, cidadãos, de permitir que a mesma continue desacreditada. Ao mesmo tempo, há que se refletir quando cumprimentamos a escola particular pelo excelente trabalho, uma vez que esta tem toda infraestrutura necessária para o bom desempenho educacional.

Imigração Portuguesa

“A imigração como fator de desenvolvimento econômico e diversidade cultural do município de Piracicaba”.

PARTICIPAÇÃO E ATUAÇÃO

No século XVII, D. Manuel, rei de Portugal no período Brasil Colônia determinou a fundação de pequenos povoados. Para que isso acontecesse os envolvidos recebiam sesmarias.

De 1500 a 1822 esse período ficou conhecido como o Brasil Português.

Em 1532 o rei D. João III subdividiu o país em dez capitanias conhecidas como hereditárias e através de Carta Régia foi nomeado como governador paulista o português, Capitão General Luiz Antônio de Souza Mourão, conhecido nos meios políticos como Morgado Matheus.

Para aumentar a população abaixo do Rio Tietê, na foz do Rio Piracicaba, este distribuía sesmarias, incentivando a vinda de novos moradores.

É digno de registrar que o ituano Felipe Cardoso de Campos em 1726 foi considerado o primeiro morador quando ainda a região era sertão desabitado. Ele ocupava meia légua de terra e aqui permaneceu com seus familiares quase meio século; para reconhecimento e em homenagem foi colocado o seu nome em uma escola pública do município.

COMPREENDER O PASSADO

Indicado por Morgado Matheus para fundar oficialmente o povoado de terras férteis, águas abundantes, exuberância de matas, do rio e salto, floresta nativa, riqueza da caça e pesca, clima ameno, foi o português Antônio Corrêa Barbosa.

Este preferiu o local à margem direita do salto e não a região do Rio Piracicaba, justificando que lá haviam posseiros e os índios Paiaguás.

O povoado que de início pertencia a Itu, foi fundado em 1º de agosto de 1767 sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, em homenagem aos portugueses.

Em 1774 o povoado torna-se freguesia com 290 habitantes sendo muitos portugueses, com desenvolvimento e crescimento populacional. Nesse mesmo ano desvincula-se de Itu que tinha como Capitão-Mor, Góes Aranha.

VILA DA NOVA CONSTITUIÇÃO

Foi elevado à vila em 1821 tendo rápido e acentuado progresso com a chegada da mão-de-obra de caboclos, posseiros, lavradores, pescadores e sesmeiros.

Com o plantio da cana de açúcar houve incrementos dos imigrantes, inclusive os portugueses, que desempenhavam papel importante na vida social, econômica e política. Eram corajosos, valentes e destemidos.

Os portugueses pertenciam a maior corrente imigratória entre os anos de 1908 a 1929.

ENERGIA, TRABALHO, RIQUEZA

Com a descoberta das minas de ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso (Cuiabá), conhecida como “Ciclo do Ouro”, muitos povoadores da freguesia aproveitaram a estrada, conhecida como picadão, aberta pelo português Luiz Pedroso de Barros e foram para

a exploração do ouro. Mas quando a “Corrida do Ouro” teve sua queda, retornaram ao plantio da cana de açúcar, outros produtos agrícolas e criação de gado.

Nessa época também havia muitos escravos vindos da África e a freguesia (hoje Piracicaba) era um dos principais polos da escravatura do país.

PASSADO HUMANO E HISTÓRIA

Antônio Corrêa Barbosa, Ituano, capitão, sertanista, fabricante de canoas e fundador do povoado enfrentou muita resistência dos moradores e desavenças político ideológicas, teve fases áureas e crises, mas com persistência, coragem e determinação para acelerar o progresso instalou o Mercado, casas de descontos, lojas de ferragens, hotéis (pousadas), lojas de armarinhos, ourivesaria, lojas de fazenda, restaurantes, bares, casas do lavrador, sendo alguns proprietários portugueses.

O desenvolvimento crescente, crescente...havia moradores satisfeitos, outros revoltados. Para alguns, ele o capitão, era considerado prepotente e dominante.

A vila da Nova Constituição foi elevada à categoria de cidade em 1874, quando o vereador Prudente de Moraes atribuiu o nome de Piracicaba, como era conhecida.

O primeiro prefeito foi José Francisco Machado no ano de 1881, o primeiro pároco foi o português João Manoel da Silva e o segundo, Frei Tomé de Jesus.

No ano de 1881 o Barão de Rezende fundou o Engenho Central e o brigadeiro português Joaquim Mariano G. de Moura era o proprietário de dois engenhos: um de produção de açúcar e álcool e o outro de serrar madeiras.

Hoje, século XXI o Engenho é considerado um espaço cultural, recreativo e artístico.

PORTUGUESES EM DESTAQUE I

Estiveram presentes no Brasil desde o descobrimento instalando-se em pontos distintos do Brasil inclusive no baixo Rio Tietê, região de Piracicaba.

O imigrante português Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, advogado, vereador, promotor e juiz recebeu uma sesmaria e muito realizou. Com sua importância política redobrou os esforços e permitiu a entrada de mais de 3000 imigrantes, inclusive os portugueses. Estes trouxeram com mérito a influência cultural, religiosa (religião Católica Apostólica Romana), arte culinária, hábitos, costumes e a língua. A Festa do Divino é um típico exemplo da influência exercida pelos portugueses.

Os portugueses e seus descendentes desempenharam papel importante na vida social, econômica e política. Preocupavam-se com a qualidade de vida como um todo para manter o crescimento para os próximos centenários.

SOCIEDADE PORTUGUESA

Em 1897 a sociedade portuguesa, como de praxe, organizou sua sociedade (o estatuto) na casa do português Augusto Cesar Salgado e para a diretoria foi indicado o português Manuel Pereira Granja.

A diretoria teve uma adesão total e muito fez pelos moradores; nos documentos encontram-se relatos dos acontecimentos e das pessoas envolvidas.

PORTUGUESES EM DESTAQUE II

José Pinto de Almeida, português, fundou a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, Fernando Febeliano da Costa implantou praças, parques com jardins e projetos de transportes rodoviários, José Maria de Oliveira, o português como era conhecido foi diretor da construção da Matriz de Santo Antônio, Domingos Soares de Barros, em 1877, inaugurou a imprensa com o jornal "O Bugre"

Concluindo, sabe-se, ou melhor é de conhecimento de todos que os imigrantes portugueses superaram seus limites, enfrentaram desafios para concretizarem seus sonhos, os quais deixaram a pátria amada Portugal e para cá vieram assumindo compromissos, responsabilidades e competências.

O objetivo pré-estabelecido era tentar vida nova com condições melhores em terra novas e promissoras.

IMIGRANTES PORTUGUESES APÓS 1930

Desde o início do povoado, mais especificamente a partir de 1930 até nossos dias, Piracicaba conta com acentuado número de famílias com descendência portuguesa: bisavós-avós, pais e alguns genuinamente vindos de Portugal

De acordo com pesquisa criteriosa via bibliografias, internet, revistas, jornais, listas telefônicas, diálogos boca a boca localizou-se as famílias residentes no município: Duarte, Rodrigues, Braga, Santos, Ferreira, Madeira, Coimbra, Medeiros, Guimarães, Almeida, Nogueira, Torres, Cintra, Martins, Lisboa, Ramalho, Alves, Amaral, Junqueira, Paiva, Chaves, Cardoso, Alencar, Ribeiro, Alcântara, Campos, Gomes, Pereira, Bueno, Afonso, Andrade, Cordeiro, Faria, Camargo, Azevedo, Miranda, Barbosa, Barros, Queiros, Nascimento, Pinto, Prado, Dantas, Vergueiro e outras.

No início e no decorrer da história do povoado, vila, freguesia e cidade haviam imigrantes braçais (agricultura), proprietários de vendas, empórios, padarias, bares, pousadas, casa de latifúndios, frutarias, como também fazendeiros, chacareiros e alguns profissionais liberais, inclusive doutores. Sempre foram destemidos, corajosos, batalhadores e educados, assumindo obras arrojadas e necessárias para a época.

Com o passar do tempo assumiram cargos e eram proprietários de indústrias e fazendas. Com prazer e alegria todos temos admiração e respeito pela imigração portuguesa.

PORTUGUESES EM DESTAQUE III

As citações no tema acima foram baseadas no Dicionário dos Piracicabanos, Samuel Pfromm Netto.

. João Ferreira Alves: Agricultor de renome, proprietário de notável Engenho de Açúcar;

. Joaquim Malaguetta: Administrador da Fazenda Água Santa durante 42 anos;

. José Xavier de Assis...1822: Jornalista, iniciou a imprensa, criou a "Gazeta de Piracicaba". Um dos mais antigos moradores de Piracicaba, quando era freguesia;

. Antônio Pinto Coelho: Proprietário Loja de Arreios e Oficina de Seileiro localizadas na Rua do Comércio;

. Juvenal de Azevedo Penteado: Professor da Escola Sud Menucci;

. Francisco Costa Alves: Capitão, fazendeiro abastado. Recebeu do governo da província, sesmarias;

. José Francisco Rodrigues Conceição: Poeta, piloto fluvial, comerciante, dono da charutaria Conceição situada na Rua Direita;

. Otávio de Barros Ferraz: Capitalista abonado;

. José Mendes Fonseca: Proprietário da tradicional empresa gráfica e presidente da Associação Boyes;

. Acácio de Moraes: Comerciante, proprietário da Casa Anzol;

. Antônio Moraes: Comerciante, dono da Casa Express;

. Morgado e Fachada: Comerciante, proprietário da Casa Fachada, Rua Direita;

. Francisco Avelino Nascimento: Proprietário da Sportt Piracicabano;

. José Pereira Pinto...1844: Proprietário da fábrica São José. Fabricava o sabão "Flor de Piracicaba"

. Francisco Pinto Costa: Padre, professor de latim e francês.

. Francisco Pousa: Professor esportista. Atuou na vida social, política e econômica da cidade.

. João Marques de Oliveira: Futebolista e profissional da costura;

. Carlos A. Pereira: Proprietário da Farmácia Santo Antônio;

. Antônio José de Andrade: Fabricante de refrigerantes e vinagres,

. Coronel Ignácio Leite Negreiros: Comerciante, fazendeiro, capitalista;

. Luiz Antônio de Souza Moreira: Fidalgo português, foi general e ca-

pitão da Capitania de São Paulo. Liderou quanto aos povoamentos do interior paulista, especialmente Piracicaba e região. Na política ocupava lugar de honra;

. Manoel Dias Ribeiro: Carpinteiro da Vila da Nova Constituição;

. Francisco Lopes Rodrigues: Comerciante e jornalista. Fundou e dirigiu a Livraria Rodrigues;

. José Rolim: Dentista e pai da poetisa Marina Rolim;

. Joaquim José de Sá: Inseriu linhas de bondes entre Piracicaba Rio Claro;

. Manoel A. Silveira: Comerciante – Proprietário da loja Triessê

. José G. Pereira da Silva: Padre da Freguesia até desentender-se com Antônio Corrêa Barbosa;

. Joaquim Xavier Araújo...1851: Proprietário da Farmácia Piracicabana (a primeira);

. Joaquim Corrêa D'Assumpção: Secretário da Vila da Nova Constituição;

. João Augusto de Brito: Proprietário da tradicional "Casa Vermelha";

. José Manoel Franca...1885: Líder incontestado; Jornalista, co-proprietário e co-redator do jornal "Gazeta de Piracicaba,

. João Manoel de Moraes Sampaio: Empresário, contabilista, político; no contexto social, político e econômico;

. Lázaro Pinto Sampaio...1832: Mestre, empresário, construiu uma ponte sobre o Rio Piracicaba,

. José da Costa Botelho Silva e Moraes: Comandou com destreza a abertura do picadão (estrada) para Cuiabá, Mato Grosso;

. Moacir do Amaral Santos...1933: Foi ministro do Supremo Tribunal de Justiça;

. José Canuto Sampaio...1978: Advogado, político, juiz municipal dos órfãos;

. Antônio Sobrinho Saraiva: Poeta piracicabano;

. Acácio Martins Ribeiro: Engenheiro, agrônomo, fez parte da segunda turma da Esalq;

. Adriano Nogueira: Fundador do Partido Socialista de Piracicaba e participante da União Brasileira de Escritores;

. Mendes Antônio Teixeira: Industrial, fazendeiro proprietário da "Loja do Cobra";

. João Batista de Sousa Luné: Médico português com nacionalidade

brasileira;

. Luiz Teixeira Mendes...1909: Presidente da Diretoria Provisória do Centro Acadêmico da Esalq;

. Mendes S.B.: Comerciante, loja de ferragens “Duas Âncoras” e da livraria e Papelaria Geraldês;

. Rodolfo Nogueira da Rocha Miranda: Industrial, possuía uma das maiores empresas do país;

. Joaquim Ferreira Granja: Proprietário da Tipografia Comercial;

. João Frick...1885: Serviço de Abastecimento de Água,

. Vicente Jacinto: Homem de negócios, proprietário da “Loja da Lua”;

. Godinho José Toledo...1930: Um dos principais produtores de café. Politicamente Piracicaba, desde seu primeiro povoado teve relações diretas com Portugal, até o ano de 1822. (sem contexto)

. Francisco José Rodrigues: Proprietário de Tabacaria, por ocasião da vinda de D. Pedro II em Piracicaba assumiu a embarcação Santo Estevam com o imperador e sua comitiva a passeio no Rio Piracicaba, até o Porto de Araguaá.

. Luiz Carlos Gonzaga: Exerceu quatro vezes o cargo de prefeito em Piracicaba.

. Joaquim de Meira Siqueira: Tendo sido Capitão-mor em São Vicente, foi a segunda autoridade executiva em Piracicaba após o povoador Antônio Corrêa Barbosa.

. Elias Toffi: Pai do escritor Cecílio Elias Netto.

FINALIZANDO

Homens das letras e de vasta cultura humanista formam a legião de pesquisadores interessados e envolvidos na história de Piracicaba.

Desde minha chegada em 1996 em Piracicaba, cidade que encanta, cheia de flores e de amores, procurei abrir espaços, adentrar fronteiras e novos horizontes para minha cidadania adaptar-se ao meu novo município.

De imediato envolvi-me nos movimentos literários: Academia Piracicabana de Letras, Clube dos Escritores Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Centro Literário de Piracicaba, Grupo de Oficina Literária e Sarau Literário.

Como participante do IHGP e conhecedora de sua excelente filosofia de trabalho; transparente nos registros dos fatos históricos e geográficos passados e presentes de Piracicaba, com apreço, envolvi-me, sempre que solicitada, a participar de seus eventos.

Para comemorar duas grandes e importantes datas o IGHP programou para seus associados uma série de temas a serem abordados com esmero, atenção e dedicação para abrilhantar o aniversário de Piracicaba, 250 anos, e aniversário do referido Instituto, 50 anos. Material este que será de acesso aos moradores locais e de toda região.

Eu, descendente de pais portugueses Duarte e com cidadania e passaporte portugueses, aceitei prontamente o convite escolhendo o tema: “Imigração Portuguesa no Município”.

Esclareço, afirmo e ratifico que o tema elaborado foi baseado em bibliografias de obras bem conhecidas e aceitas de: Guilherme Vitti, Leandro Guerini, Marly Terezinha Germano Percin, Mario Neme, Jair Veiga, João Chiarini, Maria Celestina Teixeira Mendes Torres, Cecílio Elias Netto, Manoel Rodrigues Ferreira, Samuel Pfromm Netto.

Para elaborar este trabalho foram utilizados também os meios de comunicação: jornais, internet, telefones e conversas pessoais na busca incessante de informações fidedignas sobre a imigração portuguesa, desde o início do povoado (século XVVII,) até a presente data, ano de 2017.

BIBLIOGRAFIA

- BRAGA, Fabio. Formação do Povo Piracicabano. 2003.
ELIAS NETTO, Cecílio. Almanaque. 2000.
FERREIRA, Manoel Rodrigues – História do Brasil Documentada.....1996.
LEANDRO, Luiz. Piracicaba para Piracicaba. 1961.
NEME, Mário. Piracicaba Documentada. 1996.
NETO, Jacob Dihel. Diário de Pira. 1937.
PERECIN, Marly Terezinha Germano. Constituição de Piracicaba. 2009.

GUERINI, Leandro. História de Piracicaba. IHGP, 1970.

PFROMM, Samuel Netto. Dicionário de Piracicaba. 2013.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. Piracicaba no século XIX. 2009.

VITTI, Guilherme. Elucubrações sobre uma certidão de nascimento. 1972.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO **ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS**

Cadeira 10 - Patrono: Brasília Machado

A CONTRIBUIÇÃO DO CRISTIANISMO PARA A ANTROPOLOGIA

Foi eminente o papel da Igreja Católica para a compreensão da pessoa humana e, portanto, para o embasamento teórico do que deve ser uma verdadeira ciência antropológica.

REJEIÇÃO DO DUALISMO

Entre os filósofos da Antiguidade, era comum a crença dualista de que, no ser humano, se digladiavam irremediavelmente dois princípios opostos, o corpo material e a alma espiritual.

Os primeiros teólogos e pensadores cristãos conheciam bem e tomaram em consideração o pensamento grego clássico, mas souberam rejeitar a dualidade *corpo X espírito* presente naquele pensamento. Já Santo Agostinho, rejeitando decididamente o dualismo dos maniqueus, o fez de modo muito claro, e em sua esteira seguiu a totalidade dos padres da Igreja e dos autores cristãos em geral. Mais tarde, São Tomás de Aquino, ao recuperar o que havia de melhor no ensinamento de Aristóteles, teve o cuidado de expurgá-lo de numerosos erros criteriológicos, entre os quais o dualismo.

Corpo e alma não se opõem, mas, juntos, integram um só ser, que é o homem, plenamente considerado. Corpo e alma só se separam – mórbida e transitoriamente – pela morte, que é um estado anormal, devido ao pecado. É uma separação mórbida, porque engendra a corrupção: sem estar informado (no sentido filosófico) pela alma, o corpo, pura matéria, rapidamente se desintegra e se faz pó. É transitória, porque, de acordo com o dogma da Ressurreição da carne, no fim dos tempos corpos e almas voltarão a se reunir, para jamais se separarem por toda a eternidade. Depois do Juízo, tanto os justos, no Paraíso, quanto os pecadores, na Geena, terão para todo o sempre os corpos e as almas indissociavelmente unidos. Esse é o

ensinamento da Igreja, que ademais se depreende da famosa Teoria Hilemórfica (que trata de matéria e forma), a qual, juntamente com a noção de Ato e Potência, constitui a base da metafísica aristotélico-tomista.

UNIVERSALIDADE E FRATERNIDADE DO GÊNERO HUMANO

Além de ter contribuído para a Antropologia pela rejeição categórica do dualismo e pela compreensão da integridade da pessoa humana, também a um outro título, de grande importância, a Igreja Católica assentou as bases para a inteligência da verdadeira Antropologia.

Na realidade, o Cristianismo foi a primeira religião de cunho mundial, que desde o seu início pretendeu atingir e conquistar toda a humanidade e, assim, inaugurou a ideia de que o gênero humano (entendido no sentido mais amplo, no espaço e no tempo) tem uma relação fraternal. É em Nosso Senhor Jesus Cristo que, pela primeira vez, a Humanidade pôde adquirir a noção de que constitui, toda ela, uma imensa fraternidade.

Até o aparecimento do Cristianismo, todas as religiões e todos os deuses eram nacionais. Mesmo entre os hebreus, a religião mosaica era entendida como algo nacional, e isso se consolidou de tal maneira que, entre os Apóstolos e os primeiros discípulos de Jesus Cristo, houve grande resistência psicológica à ideia de uma pregação aberta a todo o gênero humano, fora dos limites do Povo Eleito. Essa dificuldade, tema central subjacente aos debates ocorridos no Concílio de Jerusalém (ano 50 d.C.), fica bem patente pela leitura dos Atos dos Apóstolos.

Não havia, no passado, conflito religioso propriamente dito. Cada qual adorava os deuses de sua nação e todos compreendiam que os outros adorassem os seus. Daí o caráter muitas vezes fragmentário, nacionalista e, também, relativista da religiosidade dos povos antigos. Daí, também, a dificuldade de os romanos entenderem os cristãos, não compreendendo porque estes teimavam em adorar um Deus único e exclusivista, em vez de colocarem, como

faziam todos, uma imagem da sua divindade no Panteão Romano, junto com todos os demais e, assim, se adequarem ao “establishment” político-religioso do Império.

A noção de fraternidade universal (como decorrência de serem todos os homens filhos de um mesmo Deus e, assim de certa forma se irmanarem a Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus) é fundamental para a compreensão da altíssima dignidade da pessoa humana.

O erudito beneditino francês D. Próspero Guéranger (1805-1875) destacou, em seu livro *O sentido cristão da História*, que até mesmo a compreensão de uma história universal, no sentido maior e mais abrangente, somente se tornou possível a partir da ótica cristã. Antes disso, era fragmentária e, necessariamente, incompleta. Passo a transcrevê-lo: “Os historiadores pagãos não tinham uma visão de conjunto dos acontecimentos humanos. Para eles, a ideia de pátria era tudo, de tal forma que, até no tom de narrar os fatos, nunca se nota que o narrador se sentisse tomado, ainda que de leve, pelo sentimento de afeto pela espécie humana em si mesma considerada. De fato, a história somente principiou a ser tratada em sentido abrangente e de síntese a partir do cristianismo. Por remeter continuamente o nosso pensamento para o destino sobrenatural do gênero humano, o cristianismo habituou o nosso espírito à visão universal das coisas, muito além de um nacionalismo egoístico. Foi em Jesus Cristo que a fraternidade humana se revelou; e foi a partir de Jesus Cristo que a história da humanidade, como um todo, passou a ser objeto de estudo. (*Le sens chrétien de l’Histoire*. Paris: Éditions d’Histoire et d’Art, 1945, p. 17-18)

É interessante recordar que os gregos antigos se julgavam superiores a todos os demais povos, que consideravam bárbaros e julgavam que somente existiam para se submeterem aos gregos e a eles servirem. Por isso, quando o apóstolo São Paulo foi pregar no Areópago de Atenas, grande foi sua coragem ao ensinar que os homens são diferentes, mas acidentalmente apenas, já que suas diferenças não são específicas, mas tão-somente étnicas: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, é o Senhor do céu e da terra, e não habita em templos feitos por mãos humanas. (...) Ele fez nascer de um só todo o gênero humano, para que habitasse toda a face da terra.”

(Atos, 17, 24-26.)

Foi, pois, o Cristianismo que introduziu, na História humana, a noção de que a Humanidade inteira, por cima das limitações de espaço e tempo, constitui uma única e imensa fraternidade.

RECONHECIMENTO DA LIBERDADE HUMANA

Além de rejeitar o dualismo professado pelos antigos filósofos pagãos, possibilitando a compreensão da verdadeira natureza humana, composta por corpo e alma, não como elementos antagônicos e conflitivos, mas complementares, e ensinar que o gênero humano constitui uma só e imensa fraternidade, o Cristianismo também deve ser considerado como fator do reconhecimento da liberdade humana.

Na ótica verdadeiramente cristã, o ser humano é livre e racional, plenamente responsável pelos seus atos. É pela racionalidade que os homens são criaturas que se assemelham a Deus criador. A liberdade é consequência dessa racionalidade. Porque é racional, o homem é livre, pode escolher os próprios caminhos e responderá diante do Criador pelas opções livres que tiver feito durante a vida. Deus preza tanto a liberdade humana que, mesmo sendo onipotente, nunca a viola, mas sempre a respeita.

É verdade que Deus, sendo onisciente, conhece todos os futuros, tanto os necessários, que decorrem de regras que Ele mesmo colocou na natureza (por exemplo, sabe que o dia sucede à noite, a primavera sucede ao inverno etc.), mas também aqueles decorrentes do livre arbítrio humano (Ele sabe o que cada um de nós, livremente, quererá, Ele conhece nosso futuro eterno).

Esse pré-conhecimento de Deus acerca do nosso futuro de modo nenhum significa que nossa liberdade seja tolhida, ou que ela seja menos plena. Segundo Santo Agostinho e incontáveis autores católicos que escreveram sobre a providencialidade divina da História, Deus tem um plano superior para a Humanidade, o qual se realiza sempre, sem que isso em nada obste à plena liberdade dos homens.

A História salvífica da Humanidade se realiza, pois, de acor-

do com os altos desígnios de Deus, constituindo a História um maravilhoso espetáculo digno do olhar divino. Espetáculo, aliás, que constituirá um elemento de extraordinária beleza, que poderemos contemplar e admirar quando da Magna Aula de História que será o Juízo Final. Será o momento em que tudo se revelará, em que todas as tramas da História se patentearão, em que todo o encadeamento de causas e efeitos, nos acontecimentos humanos, se tornarão claros diante de todos os homens reunidos. Nesse momento, todos os mistérios da História Universal se revelarão, todos os crimes, conspirações e tramas que ficaram ocultos ao longo dos séculos e dos milênios serão devidamente postos a nu, mas também todos os atos de virtude, todos os atos de abnegação, todos os atos de heroísmo que permaneceram ocultos dos olhares humanos serão, então, proclamados, para glorificação de Deus em seus eleitos.

É claro que essa ótica *providencialista* (repita-se: aquela que considera que, sem embargo da real e plena liberdade humana, existe um desígnio da Divina Providência, por onde os planos de Deus sempre se realizam) é muito dificilmente compreendida pelos autores que não têm fé, ou que não conhecem suficientemente a doutrina católica.

Eles entendem, erradamente, que, se que Deus tem um plano e esse plano se realiza sempre, e se Deus conhece todos os acontecimentos futuros, na prática existe uma forma de determinismo histórico cristão. Em outras palavras, a nossa liberdade não passaria de uma ilusão: pensamos que somos livres, mas na realidade não somos, já que estamos apenas realizando um plano que Deus fixou desde toda a realidade... A consequência dessa intelecção errônea é que não teríamos responsabilidade por nossos atos, pois, se pecarmos, esse pecado já estava previsto por Deus, e era, portanto, inevitável.

Na realidade, a visão católica da plena liberdade humana, do pleno livre-arbítrio de cada indivíduo, não é compartilhada por pessoas de orientações (orientações - tirar) religiosas diversas, que acreditam num destino inelutável. Já os filósofos do antigo paganismo criam nisso. Os budistas, os animistas, os supersticiosos em geral, acreditam no destino, no carma, no “*fatum*”, ou nos astros governando os acontecimentos. Os maometanos, igualmente, creem no “*maktub*” (estava escrito.) Os protestantes de um modo geral – com

exceção dos seguem a orientação arminiana – acreditam que Deus salva aqueles que quer salvar e, quando alguém se perde, é porque foi predestinado para tal.

Muitos, mesmo fora de uma perspectiva religiosa, também são deterministas e negam a plena liberdade humana. Por exemplo, os positivistas, os evolucionistas, os marxistas, os freudianos, os historicistas. Todos esses creem que tudo é regido por leis que vamos realizando passivamente, sob a ilusão de estarmos agindo livremente.

Os marxistas, por exemplo, veem tudo como decorrência de leis econômicas que regem o dinamismo dialético interno das sociedades humanas. A própria cultura, as ideias, a arte, o pensamento, tudo isso é decorrência forçosa desse dinamismo, de modo que a cultura humana (super-estrutura) é condicionada e determinada pela infra-estrutura material e econômica.

Também o freudismo supõe o homem, enquanto ser racional e consciente, mero joguete de forças que não conhece nem controla, subjacentes no seu inconsciente. “O eu não é senhor em sua própria morada”, declarou Freud de modo categórico, em 1917, em uma das conferências introdutórias sobre Psicanálise. Essa afirmação peremptória, geralmente divulgada em língua inglesa (“The ego is not master in its own house.”), consta das Obras Completas: FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. Gesammelte Werke*, v. XI, Londres: Imago, 1944, p. 295. Nossas ações, pois, seriam mera consequência do nosso inconsciente. Ou seja, nem somos plenamente livres, nem somos moralmente responsáveis por nossos atos.

Todos esses, habituados de modo mais ou menos claro, a formas diversas de determinismo, tendem a ver, erradamente, a doutrina agostiniana como uma variante do mesmo determinismo.

O fato é que, fora do verdadeiro Cristianismo, muito pouca gente acredita de fato na plenitude da liberdade (e, portanto, da responsabilidade) humana. Entretanto, a lógica mostra que a visão determinista, seja de que variante for, não pode se compaginar com uma Antropologia verdadeira digna desse nome, a qual somente pode considerar o gênero humano como livre e fraternalmente uno.

Essa foi a imensa contribuição – digamos assim – da Igreja Católica para a ciência antropológica.

PIRACICABA TEM 423 MIL HABITANTES

Em 1970, a população de Piracicaba totalizava 153 mil habitantes e vinha crescendo bastante em função da alta taxa de fecundidade das mulheres em idade reprodutiva, e porque a expansão da lavoura canavieira atraía milhares de pessoas anualmente para o trabalho no corte da cana de açúcar.

Uma parcela dessas pessoas não retornava aos seus estados de origem e passava a habitar a periferia da cidade. A partir daí, nós assistimos também um intenso processo de interiorização do desenvolvimento e da indústria de São Paulo, que se deslocava da Região Metropolitana de São Paulo em direção do Interior paulista, onde Piracicaba se destacou na recepção desses novos investimentos. Exemplo: a implantação do Distrito Industrial Unileste com a vinda da montadora Caterpillar e de diversas outras empresas, que contribuíram para a atração de novas pessoas para trabalhar em Piracicaba.

Os debates técnicos e acadêmicos procuraram evidenciar quando Piracicaba alcançaria 500 mil habitantes, o que era natural devido ao elevado índice de crescimento habitacional ocorrido nas últimas décadas.

Porém, com o passar do tempo essas expectativas foram sendo frustradas. De lá para cá muita coisa mudou. A população ficou mais escolarizada, as mulheres foram entrando cada vez mais no mercado de trabalho, os métodos contraceptivos e o planejamento familiar passaram a fazer parte da sociedade, além das mulheres passarem a casar mais tarde e adiar o nascimento de seus filhos e em quantidades cada vez menores. Vale mencionar que em 1970 uma mulher em idade reprodutiva tinha em média 4,7 filhos, número que foi sendo constantemente reduzido: 2,6 filhos em 1990 e, 1,9 em 2020. Devido à pandemia do coronavírus (2020/21) é bem provável que esse índice esteja abaixo de 1,7 filho por mulher.

Com a legislação de redução e até de proibição da queimada da cana no Estado a partir da década de 2000, foi introduzida a meca-

nização da colheita da cana em Piracicaba, na região e também no Estado. A partir daí o fluxo migratório dos cortadores foi praticamente eliminado, não mais contribuindo com o aumento populacional da cidade.

Em 1980, nossa população alcançou 214 mil habitantes; em 1991 chegou a 283 mil; 329 mil em 2000 e 364 mil em 2010, tudo de acordo com o Censo Demográfico do IBGE desses anos. Esses dados demonstram a redução do crescimento populacional a cada década, ao mesmo tempo que crescia a economia local, fruto do desenvolvimento econômico e do crescimento da indústria, do comércio e serviços locais, reduzindo relativamente o peso do setor agrícola. Passamos a ter mais renda per capita na cidade, apesar da sua desigual distribuição.

Com dois anos de atraso foi realizado o novo Censo Demográfico brasileiro em 2022 e foi detectado que Piracicaba tem 423.323 habitantes, frustrando um pouco as expectativas daqueles que imaginavam uma população em torno de 500 mil. Agora, com pouco mais de 423 mil habitantes, as ações públicas municipais poderão ser planejadas de forma mais adequada, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de todos.

A título de ilustração é importante saber que a população de Piracicaba situa-se na 54^a colocação entre todos os municípios brasileiros e na 13^a classificação entre as cidades paulistas, além de liderar com folga a nossa recente criada Região Metropolitana de Piracicaba, que com seus 423 mil habitantes supera Limeira (291 mil) e Rio Claro (201 mil).

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **BIANCA TERESA DE OLIVEIRA ROSENTHAL**

Cadeira 31 - Patrono: Victorio Angelo Cobra

MINHA JORNADA LITERÁRIA: GRATIDÃO

É com imensa gratidão que escrevo pela primeira vez como acadêmica, pois desde minha infância nutro uma paixão pela escrita e pelo universo da comunicação. As lembranças das amigas do ensino fundamental e médio ressaltam como eu me destacava nas redações e como era apaixonada por escrever.

Inicialmente, optei pela carreira do direito, mas gosto de dizer que a minha segunda escolha, o jornalismo, sempre esteve presente como uma área de grande interesse. Amo a arte da comunicação. Há 23 anos, venho exercendo a profissão de advogada, uma trajetória que muito me orgulha e que compartilho ao lado de meu querido marido, Marcelo Rosenthal. Nessa jornada, também tive a oportunidade de coordenar obras em meu ramo de atuação, trabalhando ao lado de grandes expoentes do mundo jurídico, como professores universitários, juízes, promotores de justiça e advogados.

Em 2019, lancei meu primeiro livro solo, e desde então, percebi que a escrita não poderia mais ser contida. Hoje, posso me orgulhar de ter publicado oito livros, coordenado outras obras importantes e participado de mais de 30 outras produções, incluindo antologias, coletâneas e artigos científicos.

Ciente de que meu propósito de vida envolve a promoção da literatura e o incentivo à leitura, já estou envolvida em projetos sociais que buscam disseminar esse amor pelo conhecimento. Também não posso deixar de dizer que aprendi e estou aprendendo a poetizar a vida, inclusive, literalmente.

Impulsionada por essa missão, decidi me candidatar para ocupar uma cadeira nesta estimada Academia. Após quase dois anos de espera, recebi com entusiasmo e alegria a notícia de minha aprovação. Sinto uma profunda gratidão por ter buscado essa oportunidade, e sou grata por tê-la recebido. Com o coração repleto de comprometimento e desejo de contribuir, aprender e somar junto aos demais membros acadêmicos, assumo com seriedade a responsa-

bilidade de ser uma acadêmica e de fomentar a literatura e a leitura em nossa sociedade.

Peço a todos que me recebam de braços abertos, pois estou aqui para somar, mesmo que cometa erros ao longo do caminho, sempre disposta a ajustar e crescer como ser humano. Contem comigo nessa jornada literária, e perdoem minha intensidade, pois ela vem do coração que anseia por fazer a diferença na vida de muitas pessoas através da magia das palavras.

Enfim, transformo em versos a minha gratidão:

Gratidão e humildade, valores a inspirar,
Na sofisticação da simplicidade a se revelar.
Mar de encantos, sementes a semear,
A alma se enche de luz ao gratificar.
Nobre humildade, singeleza no olhar,
A essência pura do ser a brilhar.
Na simplicidade, a verdadeira riqueza,
Floresce a grandeza, com terna certeza.
Na jornada da vida, a busca se alia,
Às graças das dádivas, à plena harmonia.

A DANÇA COMO UNIDADE

Estudando o livro intitulado “As armas da persuasão 2.0”, de Robert Cialdini, tive a inspiração de escrever sobre a dança e o princípio psicológico da unidade, sendo este um conceito que descreve a tendência natural dos seres humanos de buscar conexão e pertencimento a um grupo.

Desde os primórdios da civilização, as pessoas têm se reunido em grupos para se expressar através da dança. Esses grupos de dança têm sido uma fonte significativa de identidade cultural e social, proporcionando um forte sentimento de pertencimento aos seus membros, sendo uma forma de comunicação, celebração, ritual e expressão artística.

Os grupos de dança foram e ainda são uma maneira de as pessoas se unirem em torno de um interesse comum, compartilhando

movimentos, músicas e costumes. O sentimento de pertencimento em grupos de dança pode ser atribuído a vários fatores. Em primeiro lugar, a dança é uma forma de expressão física que permite que as pessoas se conectem umas com as outras por meio do movimento sincronizado. Quando os membros de um grupo de dança executam coreografias juntos, eles experimentam uma sensação de unidade e cooperação, fortalecendo os laços entre eles.

Além disso, a dança muitas vezes está enraizada em tradições culturais e étnicas, o que reforça o sentimento de pertencimento a uma comunidade específica. Os grupos de dança podem preservar e transmitir tradições ancestrais, mantendo viva a identidade cultural de um povo. Ao participar desses grupos, os indivíduos se conectam com suas raízes e se sentem parte de algo maior do que eles mesmos.

Outro fator importante é o senso de empatia e amizade que se desenvolve entre os membros de um grupo de dança. À medida que praticam e se apresentam juntos, eles compartilham experiências, desafios e conquistas, o que fortalece os laços interpessoais. Estabelece-se assim, a conexão emocional entre os dançarinos, criando um ambiente de apoio e encorajamento mútuo.

No contexto histórico, podemos observar exemplos de grupos de dança que desempenharam um papel central nas culturas antigas, como as danças rituais dos povos indígenas, as danças folclóricas em festivais tradicionais e as danças cerimoniais em rituais religiosos. Essas práticas reforçavam a coesão social e fortaleciam os laços comunitários.

Hoje em dia, os grupos de dança ainda desempenham um papel importante em diversas culturas ao redor do mundo. Além disso, a popularidade da dança como forma de expressão e entretenimento levou ao surgimento de companhias de dança profissionais, grupos de dança de rua e equipes de competição. Esses grupos oferecem aos indivíduos a oportunidade de se conectar com outros dançarinos apaixonados e compartilhar sua paixão pela dança.

Através da dança, as pessoas encontram uma forma de se conectar com outros indivíduos, expressar sua identidade cultural e estabelecer laços emocionais.

Ao ingressar em um grupo de dança, os dançarinos encontram

peessoas que compartilham o mesmo interesse e paixão por esta arte. Eles se envolvem em um processo colaborativo, aprendendo coreografias juntos, aprimorando suas habilidades e se apoiando mutuamente. Essa experiência de compartilhar desafios e conquistas fortalece os laços entre os membros do grupo, gerando uma sensação de pertencimento, que também inclui a afeição.

Historicamente, a dança tem sido uma parte importante da cultura e das tradições de diferentes comunidades. Ao participar de grupos de dança, os indivíduos têm a oportunidade de se conectar com suas raízes culturais e étnicas. Eles aprendem coreografias tradicionais, exploram ritmos e melodias específicas de suas origens e celebram a identidade cultural coletiva, o que os conecta com algo maior do que eles mesmos.

Tudo isso é reforçado quando o grupo se apresenta diante de uma plateia. A performance em conjunto não apenas fortalece os laços entre os dançarinos, mas também cria uma conexão com o público. A energia e a emoção transmitidas durante a dança podem gerar uma sensação de união entre os espectadores e os membros do grupo, criando uma experiência coletiva única.

Assim, desde os primórdios da civilização, a dança tem sido uma forma poderosa de conexão social e cultural. Ao participar de grupos de dança, os indivíduos encontram uma comunidade de pessoas com interesses semelhantes, compartilham experiências emocionais e culturais, e experimentam uma sensação de pertencimento que fortalece os laços interpessoais e enriquece suas vidas.

Outra relação interessante é a do direito e a dança, na medida em que esta entra em contato com diferentes pessoas, com diferentes corpos, dialogando através de movimentos, passos, rodopios e entrega, alcançando debates envolvendo vários modos de pensar, de tocar, de criar experiências, no tempo e no espaço, ambas as áreas (o direito e a dança) com coreografias sociais ensaiadas, revisadas, para a sonhada apresentação, a qual de tempos em tempos, precisa ser reinventada, ainda que certos costumes permaneçam por séculos e séculos, respeitando as suas origens.

Eu particularmente aprecio muito a dança e também gosto de dançar, sendo uma amadora praticante, tendo passado pelo aprendizado de vários estilos desde pequena. E, como gosto de metáforas,

afirmo que é preciso ouvir a melodia da vida para poder dançar. Já dizia Oswaldo Montenegro: *Não pense que o mundo acaba ali onde a vista alcança. Quem não ouve a melodia acha maluco quem dança.* Às vezes sou essa maluca aos olhos de alguns. Que pena eles não ouvirem a melodia, a poesia de cada nota tocando dentro de mim e reverberando aos quatros ventos ou a melodia emanada da contemplação do belo. Os que ouvem sentem a conexão, a unidade, a sincronia. E isso é maravilhoso!

Sobre o tema este pequeno poema de Augusto Branco diz muito:

*Não é o ritmo nem os passos que fazem a dança
Mas a paixão que vai na alma de quem dança.*

Finalizo com um poema autoral, prestando homenagem a esta arte tão maravilhosa:

Dançando com o vento

Então, o vento me convidou para dançar,
Eu rodopiei, rodopiei, sem parar..
O vento é um dançarino habilidoso,
Quando está de bom humor, encantador e vistoso.
Dança rápido, ligeiro, num baile caprichoso,
E também leve, lento, revelando seu lado generoso.

Dançando ao sabor do vento, envolvente e suave,
Um refrigério, um alento, plainando com uma ave.
Cada passo, contornando com suavidade e leveza,
As intempéries se dissipando, mandando embora a tristeza.
Até que a brisa serena, gentil e tranquilizante,
Envolve-me totalmente, tornando-me mais radiante.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **CARMELINA DE TOLEDO PIZA**
Cadeira 29 - Patrono: Laudelina Cotrim de Castro

DEUSAS EM MIM

À DEUSA MÁNI

Agora ...
Ao encontro do meu olhar
Vejo o eu e o outro em mim.
É a minha história de ver e rever
Meu próprio olhar.
Para desvendar a vida com a Deusa da Lua.

À DEUSA SELENE

Luz...
Deusa da luz, deusa Selene,
Luz dos momentos,
Luz dos pensamentos e divagações.
Constelações.
Luz nas tristezas,
Luz nas alegrias,
Luz na paz e melancolia do agora.
Apenas luz...

À DEUSA GAIA

Gratidão...
Minha deusa mãe, terra, Gaia.
Dentro de mim o caos e o escuro.
Fora o vazio, a liberdade e o encontro.
Deusa Gaia!
Abra os braços para mim
Quero ser acolhida.
Desejo olhar o céu e a terra em toda sua extensão.
Ser a mulher, a palavra, as cores em cada momento
Da minha própria história.

Carmelina de Toledo Piza, mestra em educação, atriz, contadora de história, escritora, ilustradora, psicopedagoga e arteterapeuta.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **CARMEN MARIA DA SILVA FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira 19 - Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

DISPERSÃO

Uma partícula desagregada
Sente a memória de um todo

Vibrações do que foi vivido
Ficam esfaceladas
Esparsas pelos dias

O espírito vaga
Pelas terras de ninguém
Na busca do seu elo perdido
No deserto dos fragmentos humanos

Sequelas de cotidianos como rejeitos
Empilhados em carcaças desarticuladas
Ferros-velhos dos centros urbanos...

KAFKA E A METAMORFOSE...

Foram me reduzindo ao minimamente mícron
Cada desejo se esvaindo aos poucos pelo ralo
Não mais aos pedidos, ilusões ou aos sonhos
E fui assim mirrando expectativas ou futuro sequer

E como uma folha de outono voei escarpas ao nada
Sem destino, sem bússola, ao sabor do alheio
Determinando vazios, redesenhado meus anseios
Como programação neurolinguística
Ou choques em altas correntes

Como queria Nise com sua Arte reconstrutiva
Que operasse milagres em meus desconectados compartimentos
cerebrais
E fizesse de meus miolos neurônios pensantes ainda
Que vibrassem, que sorrissem, que vivessem
Pelas pradarias de universos desconhecidas

Mas estou ali acuada como barata em qualquer canto da casa
Aguardando dias vazios
Vazia e tolhida
Sem vida possível...

REFLEXÕES COM DOM QUIXOTE

“Embora eu saiba que não exista magia no mundo que possa mover e forçar à vontade – como alguns simplesmente acreditam –, é livre a nossa vontade, e não existe erva nem encanto que a force.”

Miguel de Cervantes

Sancho, o mundo no século XXI é tão bizarro!
Tenho um Rocinante movido a energia fóssil
Ele não me lambe afetuosamente

Os moinhos são frias pás eólicas
Perderam toda a bucólica beleza
Mas captam ventos e não fazem pães
Que ficam em lugares definidos como padarias

Os sonhos desgastados na urbanidade
Deixaram de criar fantasias ou formosas Dulcinéias
E já não sou o único cavaleiro de triste figura
Há tantos espalhados pelas ruas e esquinas

Em um cenário sem verde ou translúcidas nascentes
Minha compleição esquelética e alongada não se destaca
Os ideais se perderam no vazio cotidiano...

Realmente Sancho: “*Não há mais heróis no mundo*”

ESCULPIR O TEMPO

“*Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates...*”

Fernando Pessoa

Primavera

...a menina cabelos revoltos
corpo franzino corre
alísios impulsionam
leveza do pueril
alma de asas translúcidas
vai e vem no alvorecer



Verão

...com a menarca o primeiro peso
toque desejado mas proibido
a pele transpira sonhos estranhos
dualidade de boneca e amor
impactam na brusca mudança de rumo

Outono

...tarde, cheio de frescor de arboreto
folhas forram pensamentos maduros
relacionamentos conquistados
maturidade almejada

Inverno

...pele sulcada pelo tempo
o espírito ainda com asas espessas
corpo-casulo que se rompe
para o lusco-fusco do anoitecer...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO **CASSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI**

Cadeira 20 - Patrono: Benedito Evangelista da Costa

A JABUTICABA

O menino, era do tempo em que se jogava futebol com bola de meia. Fazia seu próprio estilingue com forquilha de galho de goiabeira, empinava papagaio e jogava taco na rua.

Tinha em seu quintal, dois pés imensos de jabuticabas, que davam frutas enormes, que hoje não se veem mais.

Na época das jabuticabas, as árvores ficavam cheias de marimbondos vermelhos durante o dia, e à noite, eram morcegos frugívoros que vinham compartilhar a doçura dessa dádiva divina.

Quantas ferroadas levou dessas vespas ao trepar na árvore e concorrer com elas.

Hoje já não se veem esses marimbondos e os poucos morcegos, que ouvimos falar através de jornais, os relacionam com a doença hidrofobia (raiva).

No entanto, a diminuição de vespas, abelhas e morcegos, é preocupante, pois são os grandes polinizadores das plantas.

Querem culpar os morcegos, capivaras, por certas doenças que aumentaram em incidência, mas esse é um outro assunto...

Na primavera, época de jabuticabas, o menino havia chupado muitas frutas, várias com caroço, e sentia-se com a barriga distendida e resolveu deitar na relva debaixo da árvore, até que dormiu, como que hipnotizado, olhando para a volumosa fruta, bem preta e brilhante, no galho logo acima de sua cabeça.

Como era época do catecismo, pois se preparava para a primeira comunhão, justo naquele horário deveria estar na igreja para a aula.

Então, sonhou com a catequista chamando sua atenção, muito brava, que até chamou o padre responsável, que falou que ele não deveria faltar das aulas da catequese, senão Deus fecharia os olhos para ele.

Chorou muito, com medo de ficar fora da vista do Altíssimo. Sabia que não podia ficar faltando da catequese, nem da missa, se-

não, não poderia fazer a primeira comunhão. Ainda mais sem razão, apenas porque pegou no sono sob uma jabuticabeira, onde antes, gulosamente, enchera o estômago com as frutas.

Percebe-se então, naquele estado sonambúlico, entre o sonho e o acordar, paralisado sem poder se movimentar. Fica desesperado, abre os olhos e vê aquela jabuticaba grande, brilhante e bem pretinha acima da sua cabeça.

Com o vento, um galho balança à sua frente, parecendo a jabuticaba, um olho negro que piscou para ele.

Contemplando aquele “olho negro” da jabuticaba, sentiu o olho Divino que o fitava.

Entendeu então o ensinamento da catequista: “Deus é onipresente! que nem a catequista e nem o próprio padre, que falavam, mas não haviam experienciado.

Levantou-se tranquilo, voltou a chupar jabuticabas e nem se preocupou em ir ao catecismo naquele dia, pois Deus até piscara para ele!

O VELHO SÁBIO E A GUERRA

Num deserto do Afeganistão, um velho líder sufi, já beirando os oitenta e cinco anos, caminhava sofregamente, liderando o grupo de discípulos, de várias idades, homens jovens e maduros, todos com uma túnica branca escondida, e algo suada e já mal cheirosa devido à jornada difícil sob o sol causticante dos dias e frio congelante das noites.

Fugiam dos extremistas ortodoxos muçulmanos, pois, apesar de também seguirem o Corão, o liam e entendiam nas entrelinhas e não ao pé da letra.

À noite, ao redor da fogueira, enquanto olhavam a dança das chamas, o esfolar da lenha, com o aconchegante calor da noite fria, iluminada pela lua crescente e a estrela, formando no céu o símbolo do Islã, pediram ao Mestre Sufi que discorresse sobre o lado oculto da guerra e das batalhas, o sofrimento ocasionado, enfim, falasse sobre a Jihad, a guerra santa.

E Rumi, o velho sábio, começou...

A Jihad, na verdade, não é essa guerra que os ortodoxos pregam, essa matança, esses homens bomba, tentando destruir irmãos judeus, cristãos, budistas e mesmo nós, muçulmanos sufis.

A Jihad, guerra santa, ocorre dentro de cada um de nós. É a batalha entre o nosso eu verdadeiro (espírito) e o falso, entre a consciência da alma e a consciência do corpo.

Essa é a verdadeira batalha, a batalha da vida.

Nesta vida, podemos vencer ou perder esta batalha, mas ainda assim, não perderemos a guerra.

Teremos ainda muitas vidas e muitas batalhas a perder e a vencer, até que fatalmente sairemos triunfantes da Guerra Santa da Jihad.

E no dia seguinte continuaram sua jornada pela vida.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **CHRISTINA APARECIDA NEGRO SILVA**

Cadeira 17 - Patrono: Virgínia Pratta Gregolin

UM CONTINHO DO FIM DO MUNDO

Paula, olhando aquela paisagem desértica, sorriu, lembrando-se de sua promessa ao terminar aquele namoro que se arrastava há quatro anos – *Vou para o fim do mundo* – e lá estava ela, literalmente, no extremo sul do planeta, na Patagônia Argentina, rumo à última cidade antes da Antártida. O avião aterrissara em El Calafate em escala e ao descer parecia ouvir no vento sibilante a melodia do filme “O dólar furado”, que seu pai assobiava sempre que ventava forte. Viu-se em 3D, dentro da tela, cuja paisagem, a estepe, estendia-se a perder de vista, sem uma única árvore. Onde estaria o *Giulliano Gemma?* – o galã de sua mãe – pensou ela rindo de si mesma. Que loucura! Justo ela, tão racional, sair de seu conhecido mundo e conforto para procurar um homem visto em um sonho! Pipo. Quem seria ele? Por que ela tivera aquele sonho maluco? Porém, claro – *Sou o Pipo, procure por mim no fim do mundo...* seu personagem onírico assim se manifestava nos sonhos recorrentes de Paula. Por três vezes, ele aparecera e lhe dissera as mesmas palavras. Mistério.

Ruidosos turistas esperavam suas bagagens – uns 5 passageiros tiveram suas malas extraviadas e estavam no balcão reclamando suas perdas. Quantos brasileiros! Gostoso ouvir sua língua no meio do murmurinho espanhol. Pegou seus pertences e rumou para o hotel Esplendor. Faria uma pausa em El Calafate antes de seguir viagem. O hotel localizava-se no alto de uma colina de onde podia avistar o lago gelado na frente e nas costas do prédio, as imponentes montanhas. Mais ao longe – os Andes com seus picos gelados. No dia seguinte, embarcou em um ônibus já cheio de turistas de seu país para visitar o famoso glacial “Perito Moreno”. Soube que o nome era uma referência a um engenheiro que mapeou a costa da Patagônia e foi, tardiamente, reconhecido por seus feitos. O guia, falando um portunhol engraçado, comunicou aos passageiros que se olhassem à esquerda do ônibus, logo veriam o belo glacial. Eis que chega o momento esperado e ouve-se um unísono – OH! Ta-

manha beleza azul só poderia ser descrita emocionalmente assim. Uma majestade de gelo avança das montanhas rumo ao verde lago formado do derretimento das geleiras dos Andes. Da altura de um prédio de vinte andares reina por todo o ano. Mesmo no verão argentino, com temperatura oscilando entre os 09 a 13 ° graus centígrados, o glacial mantém-se imponente. Impossível não agradecer a Deus por ver essa maravilha da natureza. Aos poucos, o exterior do glacial derrete-se caindo ruidosamente no lago. Um espetáculo que fazia pipocar os botões das máquinas fotográficas de todos os que ali foram conferir tamanha realzeza. Que fim do mundo mágico! – pensou ela. Sentia-se como aquele imenso bloco de gelo, derretendo-se por dentro, procurando uma pessoa que vira em seu sonho. Derretida ou aventureira ou impulsiva? Não encontrava definição para si mesma. Seu coração apenas lhe dizia para entregar-se ao novo, ao desconhecido, às novas aventuras. Começara bem, estava prestes a explodir de emoção quando chegou bem próxima, nas passarelas do parque nacional, do “Perito Moreno”. Tanta coisa ainda por descobrir! Jamais se imaginara estar naquele lugar incrível. Sem expectativas, naquele instante só queria curtir a imponente montanha de gelo azulada ali à sua frente. Um grupo de turistas passou por ela. Uma baixinha falante, seu companheiro idem e outro casal mais jovem que diziam – *Só dos pesos!* e riam, como eles riam! Impossível não entrar no clima alegre que reinava ali. Pesos, a moeda argentina, equivale a 1/3 do real, quantas coisas poderia comprar se estivesse ali para isso, como as mulheres da excursão de brasileiros que de uma loja, entravam em outra. Nem mesmo o frio, o vento e a chuvinha fina que caía impediam as pessoas de brindarem o belo presente que receberam naquele dia. El Calafate, cidade pequena, nomeada pela frutinha de um arbusto espinhoso, próprio da estepe, entraria de vez em sua memória e em seu coração.

No dia seguinte, mais um voo, agora sim para o fim do mundo! O que esperar de Ushuaia, a última cidade porto antes do continente gelado? Estava tão embevecida com o glacial que se tivesse que voltar naquele momento, já agradeceria a vinda até ali. Mas seu pacote incluía a procura por Pipo, então...

Ushuaia estende-se ao largo, aos pés das montanhas, uma faixa de casas coloridas entre a baía do estreito de *Benning* e a Cordilheira

dos Andes. Janeiro, calorção no Brasil; em Ushuaia, neve nos picos das montanhas. Nunca vira neve de pertinho. Será que teria a chance de sentir, tocar, escorregar na neve? Por onde começar sua meta? Seu hotel ficava na rua central e comercial da cidadezinha. Excelente localização. Começou perguntando para os recepcionistas do hotel sobre a história de Ushuaia. Eles lhe indicaram o centro de informações turísticas, na mesma rua, onde até poderia carimbar seu passaporte. *Ah! sim, houve um Pipo aqui! Melhor pegar o trenzinho do fim do mundo e conferir de perto sua história* – disse-lhe a mocinha do balcão em bom português. Mais mistério.

Ao retornar ao hotel notou um rapaz sentado no hall lendo um livro – O TREM DO FIM DO MUNDO – O título chamou sua atenção, o jovem também. Magia do olhar, ela olhando para ele que mudou a direção de seus olhos e a fitou brevemente, ambos por uma fração de segundo, analisaram-se – Paula, jovem, bonita, cerca de 30 anos, olhar travesso. O leitor, moreno, alto, rosto longo e sério. Belo.

Marcou na recepção a visita à estação do trenzinho. De repente, chegaram os ruidosos turistas brasileiros, que também estavam hospedados no mesmo hotel. Notou que marcavam uma noite de vinho e queijo e bate papo animado. Será que o rapaz sério fazia parte do grupo. Opa! Outro mistério?

Na manhã seguinte, embarcou no mesmo ônibus dos brasileiros, rumo ao trem do fim do mundo. Nele também estava o moço moreno, acompanhado do livro e, coisas do destino, acabaram sentados lado a lado. O trajeto embora curto não foi impedimento para que se apresentassem e se conhecessem superficialmente. Demonstrando interesse na história do livro, Paula ouviu com atenção as explicações de Leandro – belo nome, como o dono – pensou ela. Ele explicou-lhe o porquê daquela região ser chamada Patagônia – local dos nativos pés grandes: *patagons*, em espanhol – ou Terra do Fogo, outro nome dado pelos espanhóis conquistadores ao local onde havia muitas fogueiras. Também ficou sabendo o motivo de existir Ushuaia – baía virada para o oeste. A Argentina, na disputa pela conquista daquela região, enviou condenados para lá. Daí a origem do trem do fim do mundo: o transporte desses homens, presos do regime, que por 25 km iam buscar matéria prima para a construção da cidadezinha, principalmente a madeira da “lenga”

na floresta nativa do local. Um terremoto, porém, ocorrido nos anos 50 do século passado, destruiu a maior parte da estrada de ferro. Apenas nos anos 90, um empresário interessou-se em resgatar essa história e recuperou os últimos 7 km das vias do trem do fim do mundo. A voz de Leandro era calma, quente. Paula sentiu calor nas faces, embora o termômetro do local marcasse 2º graus centígrados. Enfim, chegaram.

Trem vermelho, estreito, bem fechado, um mimo para os turistas de todas as línguas que se apertavam para comprar seus tíquetes. Separaram-se. Paula, vendo alguns casais abraçados, posando para fotos no belo cenário, sentiu falta de Leandro. Opa! o estava acontecendo consigo, afinal? Avaliou sua situação – tirou férias, impulsionada por um sonho, viera até o fim do mundo, queria desvendar o mistério do tal do Pipo. Fez um amigo (?), ouviu histórias do local, perdeu o jovem de vista e já estava sentindo sua falta? Essa não! – censurou-se.

Embarcou em uma cabine, rodeada por casais de muitas línguas – espanhol, português, inglês, francês – a música ambiente do trem era nostálgica, a voz gravada em tantos idiomas e em tom poético, provocaram nela uma melancolia jamais sentida, ficou triste e sorumbática ouvindo com atenção a história contada. O trenzinho serpenteava pelas lindas paisagens : rios, vales, pequenas pontes, um cemitério de árvores a céu aberto, imagens de tocos, parecendo cadáveres descarnados em sua madeira branca...*Um condenado tentou fugir, pulou do trem. Alguns dizem que sobreviveu e constituiu família junto a uma nativa, mas o certo mesmo é que morrera congelado. Seu nome, porém, ficou registrado na história do trem do fim do mundo, Pipo...* seu coração deu um salto! Seu fantasma onírico existira de fato! E lá estava ela, ouvindo sua história dramática. Pobre Pipo, tentou a liberdade. Daí em diante, não conseguiu ouvir mais a voz da guia. Em seus ouvidos, ricocheteavam a voz do Pipo fantasma – *eu procurei a liberdade, correndo todos os riscos e você, o que procura?* O que procurava? Não sabia responder. Tinha um bom emprego, era realizada profissionalmente. Terminara um relacionamento que a consumia por anos, queria sua liberdade, afinal. Onde a encontraria? No fim do mundo? Quanto mistério preparara para si mesma. Tão conversando consigo estava que nem percebeu

que o trajeto havia chegado ao fim. Foi a última a desembarcar. Viu esquecida no banco uma mochila verde, levou-a para as simpáticas atendedoras. Quem a esquecera, logo viria resgatá-la, pensou. Ela também esquecera suas emoções em tantas estações! Encontrar-se com elas naquele local foi a sua melhor sensação em anos. Onde estaria o moço moreno de voz quente? Não queria perder essa emoção jamais. Decidiu o que faria dali para a frente.

O retorno para o hotel foi feito de ônibus. Estranhou não ter a companhia de Leandro. Ele não estava mais entre os passageiros. Por onde se escondera? Estava ele também, como Pipo, procurando sua liberdade? Paula já a encontrara.

Na manhã seguinte, dia de subir a montanha – *Martial* – para ver, sentir e escorregar na neve. O percurso incluía – táxi, teleférico e muita caminhada íngreme por terreno lamacento. Enfim, a neve! Outra sensação indescritível para uma habitante de país tropical, cuja temperatura baixa não ultrapassa os 7º graus no inverno na cidade de São Paulo. Gosto de gelo de congelador. Aparência idem. Brincadeiras de criança. Uns atirando bolas de gelo nos outros. Gargalhadas, tombos e muita alegria. Na descida, pausa para um chá quentinho no chalé ao pé da montanha com direito a ritual – almoçada, erva, chaleira e até uma ampulheta para controlar o tempo de infusão. Onde estaria Leandro? Tão bom seria poder dividir este momento glorioso com ele. Sua razão lhe dizia que amor à primeira vista era coisa de folhetim barato, sua emoção pulsava negando essa racionalidade. Estava apaixonada! Sentia-se livre para amar novamente e com toda intensidade para derreter até o gelo das Cordilheiras. Riu e olhou em volta para ver se alguém havia notado sua insensatez, mas qual! As pessoas estavam tão excitadas pela aventura que uma risada a mais não faria a menor diferença naquela imensa alegria reinante.

Já na entrada do hotel, ela o viu. Sentado no mesmo local onde o encontrara pela primeira vez, lendo seu livro. Chegou de mansinho, parando à sua frente. Leandro levantou os olhos e ato contínuo sorriu para ela – *Senti sua falta* – disseram simultaneamente. E claro, riram pela tamanha coincidência. Não registrou tudo o que se passou depois, apenas que estavam sentados bem próximos, conversando como velhos conhecidos. Descobriu que ele era historia-

dor, que escrevia para um blog e recolhia histórias surpreendentes dos povos da América Andina. Sua próxima parada seria Mendoza, partindo dali para o Chile. Um convite. Um “aceito” sem incertezas. Paula, Pipo, livres em suas decisões.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA**
Cadeira 21 - Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

BORDADURA

Seu filho partiu calado,
Batendo com estrondo a porta,
Que ficou escancarada.

Revelando no bordado
Toda angústia da espera,
Ela ...tremula e ágil,
Pela sua inquietação.
Escolhe a linha vermelha.

Cada ponto, cada traço,
Amortecem seu tormento.
Lentamente vai bordando
Toda aflição do momento
Com vermelho vai gravando...
E clamando por Jesus,
Bordou uma sangrenta cruz.



A FESTA DE BABETTE

Assisti a esse filme varias vezes e sempre me empolgo! A história é da escritora dinamarquesa Karen Blixen. Trata-se de um drama, muitíssimo bem escrito e levado às telas com adaptação de Gabriel Axel que buscou ser fiel ao texto. Babette aparece em uma ilhota no litoral da Dinamarca, sozinha, fugindo da Comuna de Paris depois que seu marido e seus filhos foram mortos.

Com a ajuda de um parente viajou em um barco e aparece nessa ilhota pedindo abrigo para duas irmãs solteironas Martina e Filipa filhas do pastor luterano daquele lugar, onde todos comungavam a mesma religião. Depois da surpresa, ela foi acolhida pelas irmãs, sem pagamento, pois eram pessoas sem posses.

Por muitos anos Babette trabalhou na casa dessas irmãs, que não haviam se casado impedidas por seu austero pai, embora tivessem tido pretendentes. Babette não só ajudava as solteironas como toda comunidade com seus préstimos.

Certo dia ela recebe o prêmio máximo, 10 mil francos de uma loteria da França, o qual resolve gastar, oferecendo um jantar, para comemorar o centenário de nascimento do pastor, pai das duas solteironas. Ninguém sabia quem ela era, nem que fora a “chef” do Café Anglais, um dos mais esmerados e famosos de Paris.

Todos os habitantes do vilarejo eram hipócritas, falsos, fofos, amargos e cheios de maldade, mas acobertados pela devoção religiosa e fanática. Eram sérios, não se divertiam não se permitiam se alegrarem. Para eles, tudo era pecado então só trabalhavam e se encontravam nos cultos dos domingos.

Desconfiaram desse jantar fora da rotina da comunidade e combinaram não se entregarem à alegria e satisfação pelo prazer da comida, porque não queriam cair no pecado da gula e do prazer. Precisavam ser estoicos! Assim, aconteceu o requintado jantar à francesa, com bebidas e sobremesas divinas. Mas os vinhos, pouco a pouco, foram liberando a alegria e prazer fazendo brotar daqueles corações, endurecidos pela hipocrisia e a falsidade, a sinceridade e mútuo amor entre as pessoas, e então, começaram e a confessar seus pecados e desavenças, pedindo perdão uns aos outros e finalmente se perdoam mutuamente. Foi uma catarse! Também podemos observar:

O conflito sobre a contenção religiosa sobre o conflito *vs* prazer caiu por terra onde a característica da cultura francesa é o prazer de comer que passa pelo prazer de cozinhar e também pela degustação nos dois processos.

Ao se despedirem das donas da casa, e já lá fora, todos fazem uma roda e de mãos dadas entoam cânticos de redenção e alegria há tanto tempo sufocados. É como um resgate de amor, onde seus relacionamentos se entrelaçam e se despojam dos seus antagonismos.

Babette usou os prazeres da mesa e do vinho para que todos abrissem seus corações e finalmente se sentissem felizes, externando o prazer desse momento vivido todos juntos.

Esse filme de Gabriel Axel nos conduz a pensar que o sacrifício

de Babette não foi em vão, mesmo que eles nem merecessem. Fazendo um paralelo como Deus em Cristo nos salva e nos convida, sem termos merecimento, para uma festa de contentamento e prazer junto d'Ele.

Os aldeões são transformados quando criam coragem para abrir mão de seus pecados há muito escondidos e recebem a graça do perdão dos membros da comunidade.

Procurem assistir esse clássico da filmoteca, que ainda nos prende a atenção, mesmo em preto e branco, porque é uma metáfora sobre o comportamento humano numa pequena comunidade, mas ainda está presente quando a inveja, o falatório, a difamação se incrustam entre nós todos, onde só há malefícios, e nada se constrói com essa atitude!

AMIGO OCULTO

Recebemos vários e-mails sobre alimentação e um deles recomendando comer alfafa, outro indica, vejam bem, comer capim, também devemos comer milho. Fiquei pensando: deve ser para nos igualar aos animais mesmo, para perdermos essa pose de animais superiores, porque segundo as pessoas que amam os animais, estão nos comparando com eles, mas só que inferiores a eles. Vejam bem: o cão é fiel ao seu dono, guarda a casa e o perdigueiro leva o homem à caça, o São Bernardo procura as pessoas perdidas na neve e há cães que trabalham como detetives nos aeroportos, farejando as drogas talvez escondidas dentro das malas ou no bolso dos passageiros. Há cães farejadores que ajudam a procurar bandidos. Há também os acompanhantes de cegos. Muitas pessoas solitárias e sem família têm um cão como seu amigo e companheiro, para passear, ir as compras e preencher o espaço da casa que se tornou vazio, com o passar dos anos. Vamos fazer um paralelo com os humanos. Muitos homens e mulheres não são tão fiéis, porque talvez, a fidelidade não lhes seja inerente.

Se colocarmos alguém vigiando nossa casa ou mesmo o quarteirão, ele usa seu apito no começo da noite, mas depois é um silêncio total, porque naturalmente estará dormindo. Já o cão de guarda

não faz isso. Experimente se aproximar do portão de qualquer casa, ele late e avança sobre o intruso. Se colocarem alguém para procurar drogas num aeroporto é quase certo que esse homem não será da mesma confiança. Como policial ele também não é mais confiável, disse temos certeza.

Se forem acompanhantes de cegos ou pessoas solitárias, muitas vezes, são falhos e ingratos pois sempre abusam da confiança neles depositada.

Certa vez, quando morava no Bairro Alto – gosto de dizer assim, não me acostumo com Cidade Alta, – o portão da garagem estava aberto e nosso cachorro escapou. Foi um alvoroço, porque a carrocinha estava chegando. Ela iria levar o cachorro ao canil da Prefeitura e a Lei dizia que se os cães capturados não fossem procurados pelos donos dentro do período de quatro dias, seriam sacrificados. Desta forma se acreditava que não restariam mais cães pelas ruas da cidade.

Como na época tinha uns sete anos de idade, chorando, montei no cachorro, que era bem grande, à espera dos homens que o viriam aprisionar. Nisso, minha família inteira já estava na rua e minha mãe me protegendo clamou para os tais funcionários, que assim foram embora. Por muito tempo passei a me sentir uma heroína, pois os vizinhos não falavam outra coisa.

Há muitas histórias sobre a fidelidade dos cães como o conto japonês “Sempre ao seu lado” que se transformou num filme americano emocionante estrelado por Richard Gere que fez o papel do professor na universidade de Tóquio, que adotou um filhote que chamou de Hachiko, tornando-se grandes amigos. Todos os dias ele viajava e o cão o esperava de volta na estação de trem. Depois da morte de seu dono, Hachiko continuou a esperá-lo debaixo de qualquer tempo por dez anos e ficou tão estimado pelo povo, que ganhou uma estátua.

São exemplos como esses que nos levam a comparar os animais com os humanos que são animais racionais, mas nem sempre têm essa sensibilidade, e parece até que ela está sendo abafada ou abolida pelo que se lê e se vê pelo mundo.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **ELISABETE BORTOLIN**

Cadeira 7 - Patrono: Hely de Campos Melges

197ª FESTA DO DIVINO

Entre as alegrias e emoções de ser festeira

Foi em julho de 2022, que recebemos das mãos da sr^a. Rosa Casarin, sua filha Sabrina A. Casarin, neta Vitória R. Casarin e neto Luis Antonio F. Pinto, a bandeira do Divino Espírito Santo de Piracicaba, para sermos, ao lado do prof. Adolpho Queiroz, festeiros do Divino de Piracicaba até julho de 2023. A partir daí começou nossa convivência com um universo que eu não conhecia. Morando por muitos anos em Santos, a festa era para mim apenas um comentário de alguma amiga, das minhas irmãs, uma notícia de jornal. Mas nunca tinha mergulhado de fato nos seus aspectos culturais e, especialmente, religiosos. Passeava pela Rua do Porto apreciando a parte festiva.

As primeiras demandas foram no sentido de reconstituir a bandeira, lavando-a, trocando suas fitas vermelhas e brancas, aperfeiçoando a aureola que envolvia a pomba do Divino. Depois dela, a orientação dos amigos e amigas mais experientes da Irmandade do Divino, a quem fomos igualmente conhecendo mais de perto. Dentre eles, vários ex-festeiros, cada um com suas experiências e épocas.

A princípio fomos conduzindo lentamente a bandeira a casas de parentes mais próximos, cumprindo sempre o ritual da leitura da Oração do Espírito Santo, do Pai Nosso, da Ave Maria e do Glória ao Pai, a partir dos quais nos despedíamos e deixávamos a bandeira para que, onde aportasse, também fossem desenvolvidas atividades religiosas, como a reza do terço, por parte do acolhedor, seus vizinhos e parentes. E fazendo postagens destes aportes nas redes sociais.

Com isso fomos despertando amigos nas redes sociais, pedindo-nos que levássemos a bandeira para ser aportada em suas casas, onde éramos sempre recebidos com demonstrações de fé, esperança e várias histórias contadas sobre graças alcançadas por eles próprios, parentes ou conhecidos. E fomos construindo um primeiro repertório de informações sobre a importância dela.

Participamos também das atividades do Terço dos Homens, na Capela do Divino, recentemente reformada; de missas em Rio Claro e Piracicaba; nos despedimos do Monsenhor Jorge Simão Miguel, antigo capelão, na missa em sua homenagem na igreja da Imaculada Conceição em Vila Rezende; fomos a Rio Claro, na posse do padre José Maria, na Igreja do Divino Espírito de lá, e das missas realizadas neste período na Irmandade do Divino e fomos amealhando novas amizades, que nos solicitavam a presença da bandeira.

Um mês antes do início da festa participamos da carreata 2023, sob forte emoção desde a saída do caminhão e durante todo o percurso ao passar pelas ruas, casas, prédios, hospitais, igrejas, lar de idosos, onde as pessoas paravam para se benzer ao ouvir as orações, a música do Divino Espírito Santo, sob forte emoção se ajoelhavam e se benziam. Experiência indescritível é estar em cima do caminhão, ao lado da bandeira sentindo as lágrimas rolares pela face em sinal de gratidão por poder vivenciar momento tão sagrado e sublime.

Levamos a bandeira a 70 residências, na região central da cidade e em muitos bairros, igrejas, estabelecimentos comerciais e uma cooperativa. Sempre recebidos com expressões de fé e agradecimento. Até que numa das residências visitadas, recebemos de presente um caderno decorado e enfeitado pela prima Luciane Côa, que nos deixou uma dedicatória bonita e emocionante sobre a força do Espírito Santo na vida dos seus familiares. Ela e sua mãe já possuíam uma das mais de 200 Bandeiras do Divino espalhadas em residências dos devotos de nossa cidade. O objetivo do presente era que fossemos registrando, a partir dali os depoimentos das pessoas que visitássemos, como um testemunho de fé e da alegria de todos eles em aportarem a nossa bandeira. E assim foi feito desde então.

Nesse período também a Irmandade foi reunindo seus diretores, colaboradores e amigos, em animada feijoada e bistecada, para irem gerando expectativas sobre a festa deste ano. Todas acompanhadas de shows musicais, sempre prestigiando grupos locais de samba e sertanejo. Ao mesmo tempo fomos estimulados a montar um pequeno kit com uma medalha do Espírito Santo e um cartão com a Oração do Divino Espírito Santo e as lembranças dos nossos nomes como festeiros do ano 197. E aí foi uma busca intensa por orçamentos acessíveis e recursos para termos em mãos 2000

lembranças para serem distribuídas aos devotos e no Tríduo, que abriria os festejos em julho de 2023. E assim o fizemos, e contamos com a ajuda da irmã do Adolpho, a Lia Queiroz e sua amiga Rachel Aleoni que nos ajudaram também, junto com as irmãs Sheila, Marina e Madalena Tricânico, na tarefa de separar cartões, medalhas, inserir nelas fitas vermelha e branca em cartões de plástico, onde eram agrupadas para posterior distribuição.

E continuamos a conduzir a bandeira, cujo porto final foi no gabinete do Prefeito Luciano Almeida, que com seus auxiliares mais próximos nos recebeu e assinou um depoimento no caderno, além de participar posteriormente da Missa da Derrubada dos Barcos, sob uma chuva de bençãos literalmente, porque, em plena estiagem, choveu muito naquela manhã, e depois no domingo, do encontro dos barcos no rio Piracicaba. Lembrando que foi o então prefeito Viegas Muniz que instituiu o encontro dos barcos no Rio Piracicaba, pela primeira vez, na festa de 1826.

E vieram os últimos desafios, de passar a bandeira nas casas dos moradores da Avenida Beira Rio, Rua do Porto e Rua Antonio Correa Barbosa, raízes da nossa festa. Em cada residência, um relato, um comprometimento, uma graça alcançada, uma demonstração de fé. Íamos ao som do pandeiro Luizinho, do caixista Jurandir e até do ritmista improvisado, prof. Adolpho Queiroz, que usava o chocalho no ritmo exigido pelos demais. A visita sempre precedida das orações pertinentes ao Divino, conduzidas pelo diretor religioso da Irmandade, Virgílio Carraro, e na despedida, o canto marcado que se encerrava assim “no ano que vem, nós vortaqui traveiz”, com todos os erres e esses do dialeto caipiracicabano. Recebidos sempre com fé, alegria, cafezinho, bolos, e outras boas histórias para contar. Vale ressaltar a compaixão das famílias que recebiam a bandeira em sua casa, em querer doar alimentos para as famílias necessitadas ribeirinhas, Vimos famílias carentes, com muitos filhos, cão, gato, pegar em sua despensa macarrão, molho de tomate, farinha de milho, óleo, etc., e doar para a Irmandade dividir com os mais necessitados, uma demonstração de solidariedade, humanidade, de necessitados para necessitados.

Na casa de Vera Sartori, por exemplo, além da bandeira da família, encontramos uma flâmula de 1972, em que ela e o marido

Paulo foram festeiros. E uma lembrança incrível. Quando o pai de Paulo faleceu, sobre o seu caixão foi colocada uma bandeira do Divino. Quando Paulo faleceu e foi enterrado, a bandeira do pai falecido estava intacta. Os filhos então a dobraram, puseram num saco plástico e deixaram no caixão enterrando-a novamente junto ao antigo festeiro.

Aliás a família Sartori tem uma bela história, a ser recontada num outro momento e espaço, das suas contribuições à Festa do Divino, como as do Zé Careca, proprietário da Oficina Bom Jesus, no comecinho da Rua Moraes, onde ficavam, antigamente, os animais doados para o leilão. Nos fundos da oficina, o Zé Careca dava abrigo aos animais, que posteriormente eram atração nos leilões que precediam a festa de encerramento. Neste ano, a grande atração do leilão foi uma Imagem de Nossa Senhora Aparecida, doada pelo cantor Daniel, aliás José Daniel Camilo, que saiu de Brotas para encantar o Brasil, que foi o maior arremate já conhecido na história da festa. Superando, em muito, os lances dados para a compra das leitoas e outras prendas ofertadas.

No sábado tivemos a experiência de percorrer a Procissão do Divino, empunhando com fé e alegria a bandeira que nos deram a conduzir. Primeiro passando sobre as pessoas com suas mortalhas, ao som da Banda União Operária, rezando fervorosamente o terço. Fomos até as proximidades do Campo do União Porto, pela Avenida Beira Rio e Rua do Porto, voltamos pela viela em que estão instalados os restaurantes, onde conjuntos musicais entoavam canções religiosas.

A experiência de ter ido no Barco dos Irmãos do Rio de Cima, para encontrarmos com os barcos dos remadores, representando os Irmãos de Baixo, foi inesquecível. Nunca vivi nada parecido, nem com a intensa emoção e demonstração de fé. Carreguei a bandeira na ida e na volta, não me desgrudei dela um minuto, olhando, entre lágrimas, o povo que nos aplaudia em cima da ponte estaiada ou nos arredores do Rio Piracicaba por onde ela passou. No barco estavam três bandeiras. O costume é ir no barco somente a bandeira Mãe, mas entraram mais duas, conduzidas pela Cristina e pela Luciane que estavam sentadas na frente e eu estava no meio segurando a bandeira Mãe. Daí entendi, a meu ver, que a primeira bandeira

ra representava a bandeira do Pai, a Segunda, do Filho e a Terceira do Divino Espírito Santo, formando a Trindade Divina, então, meu coração sossegou e ficou em paz. Estávamos acompanhados pela devota Sra. Cristina/cantora, por minha irmã Irani Bortolini, pela prima Luciane P. Côa, pela Sheila Tricânico, pela Lia Queiroz, pelo Bispo D. Devair Fonseca, pelo Monsenhor Ronaldo Francisco, pároco da catedral e Capelão do Divino, pelo diácono Lucas, pelo deputado Alex Madureira, pelo prefeito Luciano Almeida e sua esposa, Andrea Almeida, pelo Secretário de Cultura Carlos Beltrame, pela Vitória Regina Casarin e pelo festeiro prof. Adolpho Queiroz, sob o comando do Capitão Alexandre Ferreira na frente do lado direito, o remador Luciano Ferreira na frente do lado esquerdo, Alberto Ferreira, atrás do lado direito, Sérgio Furtuoso atrás do lado esquerdo, e em outro barco estavam os Irmãos do Rio de Baixo. O barco estava com uma composição perfeita de pessoas merecedoras de estarem ali. Pensando bem, acredito que esse barco deveria ser bem maior para levar mais pessoas para vivenciarem essa Divina experiência. Quem sabe toda pessoa na orla do rio poderia alugar um barco e estar lá no meio participando desse encontro de fé e tradição.

O significado deste encontro é o de lembrar que no começo da povoação de Vila Nova da Constituição, nos idos de 1700, depois Piracicaba, eram constantes as enchentes e as maleitas. Por isso, os devotos do Divino nos séculos passados, invocavam a sua proteção contra esses males. Em certa ocasião, os devotos pediram ao Divino Espírito Santo que naquele ano não houvesse nem enchente, nem maleita na cidade. E em função disso, passariam a pedir esmolas, comida, remédios aos moradores da pequena povoação de Vila Nova da Constituição, para enviar aos moradores mais distantes da cidade, cujo acesso a esses benefícios era muito mais difícil. Então os “irmãos do Rio de Cima”, atual rua do Porto, faziam fogueiras grandes, para avisar os “irmãos do Rio de Baixo”, que iriam levar comidas e remédios aos mais necessitados. Daí a origem deste encontro que dura muitos anos. E os fogos de artifício que fazem parte da sua história. Os fogos de hoje, mesmo que sem estampidos, são para lembrar as fogueiras do passado.

Vivemos no domingo as últimas emoções, com a procissão saindo da Capela do Divino, levando os andores de N^a. Sr^a. Apareci-

da, de São Benedito e do Divino Espírito Santo, decorados com flores naturais e cheirando a eucalipto e rosas, passando pela Capela de Nossa Senhora Aparecida, em seguida o início da missa final, onde lemos as homilias daquela data. E na sequência, sob fortes emoções, passamos a bandeira ao casal festeiro do período 2023/2024, Rafael Protti e Liliane Sartori, a quem desejamos que tenham o mesmo êxito, as alegrias e demonstrações de imensa fé ao Divino Espírito Santo que tivemos no nosso período.

Após a missa da passagem da bandeira para o próximo casal festeiro, aconteceu algo que nem sequer imaginei, foi um dia dançar Congada, ritmo alegre, batida fácil e marcante nos pés e nos pauzinhos que fazem a marcação do ritmo. Ver as senhorinhas e senhorzinhos vestidos com traje oficial da festa. Roupas brancas, com fitas vermelhas, gravatas cheias de medalhinhas, boina branca com o símbolo da Irmandade, sapatos brancos e meias brancas. Um cuidado nas vestes que demonstram o carinho, o amor pela festa de fé e tradição. Assistir a essa dança e ouvir o batuque da Congada mexe com nosso coração, traz alegria, paz e vontade de estar no meio da dança. Participei junto com o pessoal quando foi aberta a roda para todos participarem. Ritmo suave, gostoso, batida forte e firme. Perguntava-me: “como nunca consegui participar disto tudo que estou vivenciando aqui e agora?” Sim, falava comigo mesma, tudo tem o tempo e a hora certa para acontecer. Junto ao meu querido e amado professor Adolpho Queiroz é que minha vida deveria experimentar tudo que me foi ofertado através dessa dispensação em ser festeira desta maravilhosa festa do Divino Espírito Santo em 2023.

E como registro final, nossa gratidão ao prefeito Luciano Almeida, que nos concedeu a honra desta vivência abençoada de sermos festeiros do Divino Espírito Santo em 2022/23; ao presidente da Irmandade do Divino Espírito Santo, Vitor Totti; aos amigos da imprensa que nos ajudaram a divulgar a festa deste ano; aos patrocinadores das nossas medalhas, e demais materiais de divulgação, Prefeito Luciano Almeida, Deputado Alex Madureira, Ciro Piazza, Fausto Longo, Carlos Choayri, Rafael D’Abronzo, Antonio Ulisses Michi, Arnaldo Bortoleto, Juliano Dorizoto, Vereador Acácio Godoy, Álvaro Piedade, Jonas Silveira, aos que ajudaram com suas presenças nas nossas atividades festivas colaborando com a feijoada

e bistecada e a outros doadores anônimos da Irmandade. A todos, nossa imensa gratidão.

Essa edição da festa, esses momentos, ficarão para sempre em nossos corações.



Adolpho Queiroz e Elisabete Bortolin
(Foto: Marina Tricânico)

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI**
Cadeira 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

EU VI...



Manhã fria e cinzenta em São Paulo. No corre-corre dos transeuntes, cada um com suas preocupações, um mendigo destoava dos engravatados que seguiam rumo ao trabalho.

Idade indefinida, cabelo desgrenhado, dentes estragados, roupas encardidas e rotas, a pele cheia de crostas negras denotando que aquele corpo não via água e sabonete há muito tempo. Afastava todos de perto de si por causa do mau cheiro que exalava.

Traído pela sorte nesta vida, sem dinheiro, sem estudo, sem dignidade, morador de rua sem eira nem beira.

Esfarelava um pedaço de pão duro com os dedos imundos e os deixava cair para os pombos da praça.

Indiferentes à sua aparência grotesca, as aves se aproximavam e bicavam com satisfação as migalhas que abençoadamente caíam ao chão.

Ele estava no mais baixo grau da degradação humana, mas ainda era capaz de doar...

RITUAL



*Ao primeiro bocejo do sol
abro as cortinas...
E meus olhos,
janelas abertas para o mundo,
se debruçam sobre o infinito...*

DEGUSTANDO A VIDA

*A maioria come cru
Faz da vida um fast food insosso
quando é preciso
saborear
cada bocado...*

SILÊNCIOS

*A polifonia flui
em todas as coisas
desde o raiar dos tempos*

*Águas rasgam-se nos vãos das rochas
e discursam caladas*

*O vento sussurra
na mansidão das campinas
e eleva-se pelas colinas*

*Florestas rogam por socorro
sob o jugo do machado
e da serra inclemente*

*Bocas amordaçadas,
gargantas cortadas,
anseiam pelo grito de liberdade
que jamais ecoará*

*Enquanto olhos esbugalhados
desprovidos de palavras
fazem sermão eloquente*

*Silêncios voláteis
falam sob as tumbas
ressoam pelos umbrais
e nas torres das catedrais*

*Nas masmorras,
nos porões,
vozes emudecidas
imploram por suas vidas*

*Tudo fala
tudo berra
tudo grita
Mas só uns poucos eleitos
têm ouvidos de ouvir silêncios...*

O BANQUETE

As usinas de cana-de-açúcar e engenhos, povoavam a região. Youssef levava açúcar para o Norte do Paraná; nessa época, ainda era uma área que estava sendo desbravada, principalmente por japoneses e descendentes. Ele entregava açúcar para armazéns e adquiria feijão que ia buscar na roça. As estradas eram de chão batido; quando chovia, nenhum caminhão conseguia passar. Ficava um lamaçal.

Youssef e seu irmão Hassan foram levar açúcar no Norte do Paraná e, em seguida, foram até a propriedade do japonês Hiroshi Haruki, que tinha como tradutora sua neta, Cassia Keiko. A negociação foi realizada. O caminhão carregado, o pagamento feito, tudo pronto para percorrer a longa distância. Desabou um temporal. Cassia traduziu o convite para Youssef e Hassan jantarem e ambos aceitaram. O Sr. Hiroshi tinha expostas uma série de garrafas de aguardente, cada uma com um tipo de cobra dentro. Gentilmente, através da neta, ofereceu o exótico aperitivo aos seus convidados. Os dois irmãos agradeceram e declinaram, apesar do frio. Hassan era um moço bastante atraente, cabelos escuros, porte atlético, tinha a cor bronzeada de frequentadores de praia, algo que nunca fez. Seu bronzeado era natural. Cassia era meiga, suave, voz melodiosa. O cupido tinha disparado sua flecha. Ambos sabiam que o respeito estava acima de tudo. Infelizmente foi uma possível paixão que não foi em frente.

A chuva trouxe o frio e Cassia trouxe uma sopeira fumegante. Todos se deliciando com a maravilhosa sopa. Youssef percebeu que era um prato consistente, com uns pedaços do que parecia ser peixe. Sem pudor diante daquela iguaria, saboreou até sentir-se refeito. Impressionado com o sabor, pediu para Cassia a receita, pois iria pedir à sua esposa que fizesse uma sopa daquelas.

Cassia traduziu para o Sr. Hiroshi. Este explodiu em uma gargalhada sem fim. Após rir muito, diante do silêncio dos irmãos, Cassia traduziu: “Meu avô disse que brasileiro não sabe fazer esse prato! Tem

técnicas especiais. O senhor acabou de tomar uma sopa de cobra!”

Youssef sentiu um coice no estomago, o mundo parecia girar ao seu redor, transpirava muito! Não acreditava que tinha comido cobra!

Pediu licença, levantou-se da mesa e saiu para fora da casa. Embrenhou-se em uma roça de abacaxi. Ali ele devolveu à natureza o que apreciara tanto há poucos minutos. Não sabe ao certo quanto tempo permaneceu ali. Mas foi se refazendo aos poucos. Com um canivete, apanhou um abacaxi e fez dele o seu jantar.

No dia seguinte, o temporal havia passado. Agradeceram a hospitalidade, subiram no caminhão e vieram embora. No início da viagem, ambos permaneceram calados. Após um tempo, entreolharam-se com um sorriso maroto e riram muito da aventura vivida. Quantas histórias tinham para contar...

* * *

Esta é uma história verídica. Qualquer semelhança com a realidade é legítima. Ocorreu por volta de 1940. Os nomes verdadeiros foram preservados, sendo substituídos por outros, fictícios. De acordo com os costumes e tradições do país em que moravam e que trouxeram quando imigraram para o Brasil, o varão primogênito tinha voz ativa sobre os demais irmãos. Yussef Nagib era o filho primogênito de imigrantes libaneses. Seus pais tiveram onze filhos. A família sobrevivia de um pequeno comércio e uma renda de três casas modestas que estavam locadas na cidade. Mas mesmo assim era uma família alegre, muito unida. O patriarca, Elias Nagib, tinha casado com Sarah Chartum, ele com 30 anos e ela com 14 anos de idade. O casamento foi celebrado no país de origem, no Oriente Médio, onde tiveram duas filhas: Lucy e Martha. Foi um período em que a América era a terra dos sonhos. O Brasil incentivava a vinda de imigrantes.

Diante de uma constante ameaça de conflitos bélicos, o casal e as filhas imigraram, deixando propriedades na terra natal, sob o cuidado dos irmãos de Nagib. Na ocasião, todos os homens capazes estavam sujeitos a serem convocados para uma guerra fratricida. Dois irmãos de Sarah também imigraram, sendo que um ficou no Rio de Janeiro e outro foi para Belo Horizonte. Alguns primos foram

para os Estados Unidos. Todos sentiam-se como se estivessem em uma diáspora!

Pode-se dizer que foi um ato de muita coragem, mudar para uma terra com costumes, idioma e comportamento social tão diferentes. No início foi um choque. Mas aos poucos foram adaptando-se. Nagib identificou-se com o comércio, aos poucos estabeleceu-se com um pequeno armazém.

Quase todo ano Sarah estava grávida. Com isso, em certo espaço de tempo, teve 11 filhos.

Joaquim Raposo, a quem o pessoal chamava de Quinzinho Raposa, talvez pelos seus olhos buliçosos, oficialmente era corretor de imóveis, mas dizia-se um grande conhecedor das leis vigentes. Pois bem, Raposa, que era assim que o chamavam, sugeriu ao Seu Elias que, para animar o seu estabelecimento, colocasse uma pequena lousa, com uma cortina na frente, dependurada ao alcance da vista de todos que estivessem em seu estabelecimento. Seu Elias iria escrever o nome de cinco bichos e fechar a cortina. À tarde, pelo rádio, saberiam o resultado da Loteria Federal. Os dois últimos algarismos identificariam o bicho que ganhou. O apostador tinha direito a 5 palpites e o jogo do bicho tinha 25 animais no total. O primeiro prêmio daria ao ganhador 40 por cento das apostas, o segundo ganharia 20 por cento, os outros três, dez por cento cada um. Seu Elias ficaria com dez por cento a título de “barato”, como chamavam a comissão para realizar o jogo. Caso ninguém acertasse o resultado, o dono do comércio embolsaria toda a fêria das apostas.

Seu Elias, naquela noite não dormiu. Essa ideia o deixava excitado. No dia seguinte, encomendou ao Tiãozinho (Sebastião Fernandez) uma lousa pequena. Tiãozinho, que era motorista da jardineira que servia o povoado, trouxe a lousa pensando: “O que esse maluco vai fazer com uma lousa desse tamanho?”

Assim que chegou a lousa, seu Elias foi correndo com um pedaço de feltro verde até a casa da Dona Aurora, e encomendou uma cortina que iria correr em um pequeno varão.

Tudo pronto, no sábado houve uma aglomeração na venda do Seu Elias. Homens, acompanhados de suas esposas e crianças, queriam conhecer a novidade. A lousa dependurada, com os cinco nomes de bicho escritos, cortina fechada, e um bloquinho de papel. Seu

Elias anotava os palpites dos apostadores. Usava um papel carbono, a primeira via ia para o apostador, a segunda permanecia no bloco.

Às cinco horas da tarde, o armazém do Seu Elias nunca esteve tão cheio. O rádio ligado ia dando os números da Loteria Federal. O povo tinha apostado em peso, foi um festival de “Ganhei!”. A alegria contagiava a todos. E o melhor, o dinheiro era gasto ali mesmo com cerveja para os homens e refrigerante para as mulheres e crianças.

A partir daquele dia, o povoado tinha jogo de bicho, todos os sábados. Dizem que até o Padre Roque mandou um coroinha fazer um jogo!

Dona Filomena, certo sábado de manhã, foi fazer uma comprinha para fazer o almoço. No colo, o Tônico, sua criança espevitada, com a mãozinha, mexeu na pontinha da cortina que cobria a lousa. Dona Filomena, rapidamente segurou a mão da criança, porém não a tempo de deixar exposta a pontinha da primeira letra à vista. Se observassem atentamente, veriam que era o início da letra “B”.

Era uma abertura tão sutil, que poucos perceberam. Mas a notícia correu o povoado: “O primeiro prêmio está escrito! É Burro!!

Nesse dia teve até fila para apostar! Seu Elias não entendia o que tinha acontecido com o povo.

Às cinco horas da tarde, o locutor anunciou os resultados da Loteria Federal: Primeiro prêmio: Avestruz . Seu Elias puxou a cortina: Estava escrito: Bestruz!

Apesar de perderem a aposta, a gargalhada foi geral. Naquele dia, Seu Elias foi o sortudo que, por obra e arte de uma criança bulhosa, acabou embolsando uma bolada.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **LEDA COLETTI**
Cadeira 36 - Patrono: Olívia Bianco

ACREDITAR É CRESCER

Sonhar com amanhãs tranquilizantes
na infância, vida adulta, até idosos,
é esperar por momentos dadivosos
que tornam nossas vidas exultantes.

O lema é seguir, sempre confiantes
ultrapassar rochedos perigosos,
que deixam todos à mercê, medrosos
para enfrentar os ventos oscilantes.

Acreditando em nós mesmos, com fé
cada dia crescemos, progredimos,
não nos deixamos ir de marcha ré.

Motivados por causa nobre, o Bem
fraterno e verdadeiro, evoluímos
voltados para o eterno, para o Além.

AMAZÔNIA: CHÃO VERDE BRASILEIRO...

Amazônia: pedaço **verde** do planeta Terra!
De suas entranhas,
exala a seiva da **vida**
para a fauna, flora
e, para nós homens,
seres pensantes,
chamados de civilizados!

Porém, inversão terrível ocorre:
quanto mais os séculos avançam,
em nome do progresso

terrível retrocesso acontece:
o ser humano racional
age como irracional!

Acha-se superior aos bichos
(e realmente poderia sê-lo),
mas, por ganância, ambição
faz morrer as florestas nativas,
preparando para si e para outros,
a própria e triste destruição.

Amazônia: **verde-esperança!**
Quiçá os homens acordem,
reconheçam o seu valor.
Ela só quer dar para nós
oxigênio, gratuita oferenda,
continuar a ser Mãe Natureza!

PÁGINAS VIRADAS

Quantas páginas da história do povo brasileiro já foram viradas! Nelas vemos estampadas as trajetórias, que na maioria das vezes foram marcadas por episódios tristes. Vejamos a dos nossos nativos, os índios, os quais por ordem natural são cem por cento brasileiros. Desde quando os portugueses aqui chegaram e, mais tarde também outros estrangeiros, foram dominados por estes, com repercussão em suas manifestações culturais, religiosas.

Com a escravidão, a história foi enegrecida pela dura lida, a que foram submetidos os escravos africanos, por grande número de patrões ambiciosos, geralmente beneficiados pela coroa portuguesa, que os tratavam como mercadorias suas, e não como seres humanos. Quanto sofrimento e tristeza vividos nas senzalas e açoites nos pelourinhos!

Pela imigração europeia, depois a oriental, o Brasil poderia ser como esperavam os imigrantes: “terra onde corre o ouro e tudo dá”. Mas, no início dessas colonizações, nossos antepassados passaram

muitas privações e necessidades. Se não fosse a garra desses povos, que buscavam melhores condições para a família, a história brasileira não conheceria o valor da aculturação, que o faz tão diferente e tão rico na diversidade da sua herança social e cultural.

Graças a essa criatividade e experiência do povo brasileiro, com tanta coragem e vontade de acertar, surgiram as indústrias nas cidades em formação. Em consequência ocorreu o êxodo rural, que ocasionou a migração do homem do campo para centros urbanos, bem como de estados mais pobres economicamente, para os mais desenvolvidos. Os acertos e erros se sucederam, quer na forma de governo imperial, quer mais tarde, pelo republicano e persistem na época atual. As páginas da história de nossa gente, com raras exceções são repletas de acontecimentos negativos. E o vilão maior só tem um nome: poder.

Apesar dos desmandos políticos, a maioria do povo brasileiro é otimista e conclui: nosso país, com tanta riqueza natural poderá se tornar exemplo para outras nações. Temos a Floresta Amazônica, considerada o pulmão do mundo. Também nosso solo com riquezas minerais e vegetais abundantes, tão propícias para a agricultura polivalente! Isso sem contar as belezas naturais, que o enfeitam.

Na nova página a ser escrita, nós que temos esperança em dias melhores, sonhamos mudanças acalentadoras. Ainda acreditamos em milagres e esperamos antes de partirmos para outras dimensões, o “sol da liberdade, a brilhar no céu da nossa Pátria” e poderemos ainda escrever: “Vimos um final feliz”.

DESEJOS

Por que será que sentimos desejo de algo? Pode ser de um prato salgado, doce, uma fruta, uma bebida, ou então, o que envolve sentimentos, como de ser amado(a) ser aprovado num vestibular, num concurso etc... E estes ficam mais aguçados, quando trazem obstáculos.

Até com crianças pequenas percebemos os desejos intrínsecos, demonstrados em atos de rebeldias, ao serem contrariadas. Tente retirar da mesma um brinquedo, com o qual se diverte naquele mo-

mento. Já sabemos que haverá confusão e choro, acompanhados de gritos e gestos, que se fazem ouvir por bons momentos.

Mais tarde, na adolescência assistimos a comportamentos ousados por parte dos mesmos, para satisfazer os mais íntimos desejos e se autoafirmarem. Os adultos também os possuem aos montes. Triste será, se a motivação maior for o poder. Por causa dele, muitas vezes a pessoa se torna dominadora, até tirana. Há também, aqueles casos em que os desejos ficam só no pensamento: desejar “a mulher ou o homem de outrem”. Embora haja a intenção, o sinal vermelho prevalece, como no caso da história da raposa, que não podendo alcançar as uvas, usou o mecanismo de defesa: “não tem importância não colhê-las; estão verdes”.

Concluindo, dizemos que nossos desejos, também devem passar pelo crivo da censura (um superego buscando o equilíbrio). Se nos levarem a objetivos construtivos, tanto para o nosso bem, como para outras pessoas, que os coloquemos em prática. Caso contrário, os eliminemos, pois podem nos sucumbir, criar feridas em outros, ao invés de nos elevar como seres humanos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO **MARCELO BATUÍRA LOSSO PEDROSO**
Cadeira 15 - Patrono: Archimedes Dutra

COMO PODEMOS EDUCAR UM GATO PARA A VIDA

Dizem que um moleiro tinha três filhos, um moinho, um burro e um gato. Ao morrer, o moleiro deixou para o primeiro, o moinho; para o segundo, o burro e ao filho mais novo, coube o gato. Assim começa uma das mais fascinantes histórias da literatura para crianças. Essa história correu o mundo. Charles Perrault fez com ela sua fama e os irmãos Jacob e Wilhem Grimm a incluíram em sua antologia dos *Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos*, publicada em 1812. Mas o que tem de tão atual nessa história aparentemente sem pé nem cabeça?

Tem a história de um gato que queria um par de botas para sair pelo mundo afora. Mas é também a história de um rejeitado que precisa provar ao mundo seu valor. Para o filho do moleiro, que herdou o gato, ele ficou com o pior quinhão da herança. E o gato rejeitado precisa mostrar a seu dono (e ao mundo) que ele (gato) é melhor que um moinho, que um burro, que um pote de ouro (e também que todos os cães do mundo). O conto infantil, longe de ser moralista, ele exalta as qualidades da esperteza e da astúcia, as quais, se bem usadas, farão grande diferença na vida.

A história também traz uma segunda lição bastante oportuna nos dias de hoje: não se deixe levar pelas aparências. Aquilo que parece desprovido de valor, pode se mostrar inestimável com o passar do tempo. Acrescente-se a isso, outra pérola do conto infantil: a inteligência, quando bem usada, supera os melhores dons da herança. Cada um pode construir algo maior do que recebeu. Só por essas duas lições esse gato valeria ser adotado.

Mas ainda há outra lição subjacente e esta tem a ver com nossos preconceitos. E o gato é o melhor meio de nos livrarmos deles. Sempre haverá alguém a nos ensinar que gatos são traiçoeiros. Mas o são apenas em nosso imaginário de ideias pré-concebidas. Eles são sim, espertos e independentes, o que em nosso dicionário deturpado pode ser traduzido como “traíçoeiro”. O mesmo gato que veste botas, seduz o rei com inteligência e engana o feiticeiro (ou o ogro,

na versão de Charles Perrault) com astúcia. Tudo isso faz o gato para prover ao filho do moleiro (seu dono) o melhor dos mundos possíveis.

Segundo o conto infantil, o gato é o catalizador da mudança de vida do pobre herdeiro do moleiro. E nos tempos de hoje, podemos perguntar: como um gato pode mudar nossa vida?

Bem, o melhor modo é deixar que o gato nos dê algumas lições de vida. Algumas delas não são de fácil assimilação e demandam que estejamos dispostos a romper com alguns de nossos mais atávicos preconceitos. Gato que é gato, ama a si próprio acima de qualquer coisa. Um gato, qualquer que seja, segue ao pé da letra o conselho de Sêneca: “não é bom o que desejam para ti; há um só bem, causa e fundamento da vida feliz, a saber, a confiança em si mesmo”. Essa é a primeira lição que aprendemos do gato: confia em ti mesmo.

Muito embora os gatos sigam algumas lições de Sêneca, no fundo, eles são discípulos de Epicuro por excelência. Segundo esse filósofo grego, o prazer é o bem supremo. Todos nós, “naturalmente e sem discurso”, procuramos o prazer e evitamos o sofrimento. O gato e Epicuro concordam que o prazer é “o princípio e o fim de toda vida bem-aventurada”. Toda escolha do gato recai no fim último da busca hedonista. Para nós que vivemos no século XXI da era cristã a busca do prazer está longe de ser uma virtude, mas para o gato, que desde a infância toma lições de filosofia grega, o princípio de todas as nossas escolhas e recusas está no prazer. Freud vem depois, a seu modo, confirmar que o gato está certo.

O gato aprendeu com Schopenhauer que dar bola para a opinião dos outros é uma debilidade da natureza humana, logo, ele mesmo não se preocupa com a opinião que temos dele ou de suas atitudes. O que os humanos pensam dele, gato, não contribui em nada para a sua felicidade nem mudará sua vida. Assim, gato vivido aprendeu na escola do poeta Horácio: “quão leve e quão insignificante é o que abate ou reconforta meu espírito”. Assim, a costumeira ingratidão atribuída ao gato não é outra coisa senão sua invejável indiferença a nossos desejos e à nossa opinião sobre suas atitudes. O gato não vem quando o chamamos, mesmo que reconheça o nome que lhe damos. Vem quando quer, vai-se quando deseja.

Ainda assim, é possível nutrir algum tipo de amor por essa criatura forrada de pêlos? Para isso também há uma outra lição: o

amor aos gatos não nasce pronto, como aos cães; mas se educa com o tempo. É preciso, acima de tudo, nos contentarmos em admirá-los e tê-los por perto quando lhes convém e não o contrário. É um exercício de respeito à liberdade de um ser que não é nossa propriedade. Essa talvez seja a parte mais difícil do aprendizado felino. Os gatos beberam da fonte do existencialismo, e foram buscar em Camus e em Sartre a melhor explicação para sua existência.

Albert Camus escandalizou o mundo quando retirou da vida seu propósito, como na tarefa a que Sísifo fora condenado, a vida é (às vezes) sem sentido. Sartre, por sua vez, proclamou que nós (e os gatos também) não fomos criados para uma finalidade específica, tal como um canivete fora feito para cortar. Não temos uma missão no mundo, mas estamos atados, condenados mesmo, a uma liberdade inexorável. E por força dessa liberdade criamos e moldamos nossa vida e por ela somos unicamente responsáveis. O gato entendeu muito bem que a conclusão de Sartre se aplicava a ele, mas nós ainda temos dificuldade em aceitar (e viver) sob essa filosofia.

O gato é, por assim dizer, um existencialista. Ele simplesmente se preocupa em viver no mundo. Mas os gatos não vivem apenas na lição de Sartre, eles vão mais além, incorporaram a negação absoluta pela nossa moralidade. São seres completamente “amorais”. A liberdade do gato só é completa porque não lhes pesa sobre seus atos qualquer laivo de culpa. Ao derrubarem nosso vaso de Murano eles olham-no com a indiferença de quem está muito além do bem e do mal. O gato descobriu, em Nietzsche, que ele é a verdadeira superação do homem, mais sábio e mais forte, a encarnação do “*Übermensch*” descrito pelo filósofo em *Assim falou Zarathustra*.

Mas o gato, seja por instinto seja por filosofia, ama a vida a ponto de querer que ela volte infinitamente, mesmo que ele (só) tenha nove vidas, como narram as lendas. Para o gato, assim como para Nietzsche, sua vida é boa o suficiente para querer que ela se repita num eterno retorno. Muitos gatos não vivem muito; outros, vivem muito pouco. Mas é certo que todos eles vivem menos que nós, humanos. E, por isso, a última lição que os gatos poderiam nos dar, como há muito tempo aprenderam com Sêneca é: “façamos de maneira que, como as pedras preciosas, nossa vida valha não por sua duração, mas por seu peso”.

Se um gato de botas mudou a vida do filho do moleiro, tornando-o rei; outro gato, mesmo sem botas, também pode ajudar a mudar sua vida. Por um erro de grafia, o título acima acabou saindo com as palavras invertidas. O correto seria: **“Como um gato pode nos educar para a vida”**.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA DE LOURDES PIEDADE SODERO MARTINS

Cadeira 26 - Patrono: Nelson Camponês do Brasil

CALOROSA E JUSTA MANIFESTAÇÃO

Sábado, aos vinte e sete de agosto de dois mil e vinte e dois, tarde aguardada e certamente promissora. Por volta das quinze horas e trinta minutos, pessoas bem-intencionadas, com objetivos claros, verdadeiros, iam chegando ao redor da EMPEM, a conhecida e valorosa Escola de Música Maestro Ernest Mahle. Ali, na vespertina calma de um final de semana, se posicionaram professores aposentados, uns ainda atuantes, alunos do passado e atuais, alguns visitantes, vizinhos, pessoas conscientes e desejosas de, com sua presença, contribuir pelo sucesso de tão nobre causa, esta abraçada por toda uma população, ansiosa, à espera da solução digna e correta no que diz respeito à ambas as instituições envolvidas: UNIMEP e EMPEM.

Instrumentos e vozes unidos com a espontaneidade da alma, produziram singelo e harmonioso som. Este ecoou suplicante ao céu que nos ouvia.

Como frequentadora pontual do referido Educandário desde seus primórdios, sinto-me à vontade e segura, para opinar a respeito da atual situação que nos preocupa, e muito! A Escola de Música Maestro Ernest Mahle nasceu de corações capacitados, sensíveis e generosos para enriquecer o patrimônio histórico e cultural de Piracicaba. Uma herança dessas, valorosa e incalculável, merece ser preservada a qualquer custo, sem sombra de dúvidas. E, fica claro nosso dever e o desejo de lutar por tão nobre e autêntica posse. A cidade se enobreceu com a criação de um Educandário Musical de tamanha grandeza. Todos os piracicabanos foram beneficiados durante toda sua frutuosa e brilhante existência. Programação seleta e atraente era promovida pela referida Escola, através da saudosa Sociedade de Cultura Artística da qual faziam parte distintas famílias da cidade, pessoas que apreciavam a boa música e apresentações de qualidade, muitas, infelizmente não mais entre nós.

Muitos e notáveis foram os concertos com a participação de

grandes solistas nacionais e estrangeiros. Além das noites de gala de tal natureza, eram convidados a se apresentar reconhecidos instrumentistas de Piracicaba, estes, professores e alunos da própria EMPEM.

Frequentadores da cidade devem se recordar da Orquestra sinfônica, de Câmara, os vários grupos instrumentais de sopros, metais e cordas. Assistíamos solos, duos, trios, quartetos, quintetos e nos deliciávamos com suas apresentações. Quem não se lembra dos concursos bienais dos jovens instrumentistas, cujas apresentações lotavam a sala de concertos e toda as dependências da Escola? Minha família se inclui entre as muitas que hospedaram participantes estrangeiros e de outras regiões brasileiras.

Meu saudoso esposo e eu éramos frequentadores assíduos de toda a programação realizada pela Instituição. Nossas filhas e muitas crianças de Piracicaba e outras cidades tiveram o privilégio de frequentar os cursos oferecidos, de Iniciação Musical e Artes Plásticas, ministrados respectivamente pela expressiva musicista Ida Meirelles e a professora de Artes, igualmente talentosa, Clemência Pizigatti.

Após o curso básico de iniciação às artes e à música, os pequeninos de quatro a seis anos eram encaminhados para o curso de flauta doce, através do qual aprendiam as notas musicais, descobriam a sonoridade, entendiam a harmonia das mesmas e se encantavam ao perceber a beleza mágica dos sons.

Após um ou dois anos, a depender do gosto e maturidade de cada um, os alunos eram convidados a escolher o instrumento que mais lhe tocasse o coração para dar continuidade ao curso completo, com aulas teóricas e do instrumento escolhido.

Todos os instrumentos, as aulas teóricas e a História da Música, propriamente dita, tiveram professores dedicados, competentes e apaixonados. Foram cursos dinâmicos, progressistas, oferecidos por verdadeiros e autênticos educadores.

Voltando à manifestação propriamente dita, à frente do Educandário Musical, esta pacífica, honesta e digna, gostaria de deixar registrado o sentimento de tristeza e inconformidade dos piracicabanos e tantos outros de várias localidades nacionais e do exterior pelo “misterioso” fechamento desta “Casa de Cultura”. Verdadeiro

desgosto admitir que por falta de planejamento ou “descuido acidental”, a UNIMEP, grande e valorosa Universidade, reconhecida e renomada por nível de qualidade e gestão, tenha tido que enfrentar tantos dissabores.

Uno-me com pesar à triste ruptura desta natureza a atingir a tantos, em se tratando do prejuízo moral e financeiro e pelo mal-estar de cada um dos envolvidos. Posso avaliar o desejo sincero de correção e acerto por parte do Órgão Administrativo da referida Universidade, aos que inocentemente sofreram danos indesejáveis.

Tenho orgulho ao dizer que fui aluna da UNIMEP. Fiz parte da primeira turma do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação que daria o impulso para a abertura dos demais valorosos cursos da Universidade, isso durante os anos sessenta.

E foram muitos os sonhos e realizações no decorrer de décadas. Sendo a Faculdade de Educação a pioneira, e as aulas administradas ainda nas salas construídas nas dependências do Colégio Piracicabano e Escola Normal Ms. Martha Watts, nós os alunos, pudemos acompanhar o nascimento daquela que seria a disputada, a concorrida nova Universidade de Piracicaba, a UNIMEP, Campus Taquaral.

Tantos anos se passaram cheios de conquistas e glórias. Até o planejamento para uma futura Faculdade de Medicina foi levado em consideração. Mais um tempo, e após a aquisição da Escola de Música Maestro Ernest Mahle, internacionalmente reconhecida, pensou-se em uma Faculdade de Música para a continuação dos cursos musicais de altíssimo nível oferecidos pela EMPM, de onde saíram talentosos musicistas, de diferentes instrumentos, capacitados e contratados para atuarem em várias orquestras internacionais.

O que terá acontecido? Que mistério foi esse que nos assustou a todos? Haja coração para se apiedar de tão delicada e comovente situação! Como ajudar? Não podemos, nem desejamos perder nossa EMPM.

Que consigamos, como torcedores fiéis e compromissados, reaver, resgatar o PATRIMÔNIO MAHLE, que é também Patrimônio de Piracicaba e de todos nós. Que pessoas influentes de bom senso e sensibilidade de alma, empresários conscientes e altruístas desejem entrar na luta e se tornem combatentes fiéis por uma causa justa e humana, absolutamente merecedora de parceiros leais, corajosos e

generosos, a exemplo do casal Mahle; a pianista Cidinha e seu amado Maestro Ernest, capazes de um Ato de Amor de tamanha grandeza e total desprendimento, ou seja, a oferta de tudo o que mais amam, em favor da Comunidade Piracicabana.

Quem sabe um “milagre” esteja a caminho de se realizar! Não podemos deixar desaparecer algo real, nascido do coração de pessoas musicalmente divinizadas e verdadeiramente compromissadas com a Educação Musical e a Cultura, com a formação do ser humano e sua realização pessoal.

“Milagre”? Quem sabe! Talvez exista, entre nobres piracicabanos, um certo “Luiz de Queiróz II”, tal qual o primeiro, criatura visionária, generosa, capaz de doar uma enorme fazenda para a fundação de uma Escola de Agronomia, a qual merecidamente se transformou na gigantesca ESALQ.

Tomara se concretize tal desejo; que um visionário desta época consiga abraçar a causa em questão e resgatar a EMPEM para torná-la, quem sabe! Por que não? Uma Faculdade de Música, com o mesmo nível e nos moldes da Escola criada e dirigida pelo casal Mahle por longos anos, um dos motivos que levou a cidade de Piracicaba a ficar conhecida e se tornar referência musical até no exterior.

Salvemos a EMPEM! A Escola de Música Maestro Ernest Mahle de Piracicaba!

Resgatemos sua identidade, seu batismo e a recoloquemos na “pauta” de onde foi sutilmente “apagada” por inexplicáveis razões, alheias ao nosso entendimento.

Cultura é a soma de dons, desejos e conhecimento aprimorado. Arte se faz com alma! Música com o coração! Cada expressão artística nas muitas formas de ser, brilha com intensa vibração aos olhos da alma daquele que a expressa. A sonoridade das notas musicais leva à pulsação do viver, se o Ego assim o deseja!

Vivamos com arte e sabedoria!

Toquemos e cantemos canções,

Com a expressão vital da alegria!

REMINISCÊNCIAS NOTURNAS

Despertei com o cantar e o frescor do ventinho da madrugada a adentrar sorratamente pelas frestas das venezianas acolhedoras.

Longa esta noite, pois, ao imaginar já ser de manhãzinha, vi no relógio sobre a cômoda, os ponteiros a marcarem exatamente três horas e quinze minutos.

O sono travesso me diz adeus! O filme memorial inicia sua sessão... Um misto de histórias, fatos passados e atuais, preenchem minha mente octogenária, deveras ávida por novas conquistas e aprendizados concretos.

O tempo! Inabalável, certo, atrevido, segue sem dó nem piedade desta alma saudosa... Portanto, chega de filmes emotivos do outrora... Busco algo novo, renovador, enquanto, num suspiro profundo sinto o aroma das flores das jabuticabeiras, quase cinquentenárias, num desabrochar silencioso, fortemente impregnável!

De imediato, penso na alegria das formosas e incansáveis abelhas que, ao despontar do sol chegarão para sugar o néctar precioso das florezinhas em profusão... Mesmo estirada ao leito, meu pensamento continua a percorrer meu antigo e espaçoso quintal, palco de grandes festividades e emoções, inclusive a comemoração do meu próprio casamento, já que a construção da casa “Lar doce Lar” ficou pronta seis meses antes do mesmo.

Voltando ao meu pitoresco quintal, na verdade um verdadeiro jardim, além das jabuticabeiras, um produtivo pé de acerola, também conhecido como cerejeira das Antilhas, adorna meu gramado. Na estação outonal mais parece uma árvore natalina, decorada com incontáveis rubras frutinhas. E o suave abanar das folhas do açazeiro, cuja touceira exhibe majestosas elegantes palmeiras? Chega-me aos ouvidos, o barulho característico do envolvente aceno dessa espécie em viçoso desenvolvimento a ultrapassar o muro que circunda minha preciosa residência. A produção farta dos seus frutos, chega a atrair belos e famintos tucanos à procura dos coquinhos maduros.

Seria sonho tudo isso? Não! Estou desperta a ouvir os barulhinhos do silêncio noturno que me leva à profunda e gratificante reflexão. A insônia persistente me conduz à lateral esquerda do meu convidativo quintal ajardinado. Sigo até a horta do Gabriel, meu

neto mato grossense, um tesouro oferecido a mim, em forma de menino/anjo. Tem seu espaço, um e meio por quatro metros. Antes, uns pequenos arbustos de manjeriço, nascidos espontaneamente, perfumavam o local. Depois, pequenos tomateiros germinaram das sementes jogadas aleatoriamente por Biel, o menino do dedo verde. Nesses últimos dias, um atrevido aboboral tomou conta do pedacinho de terra depois de meu neto e sua maninha, Isadora, terem jogado algumas sementes retiradas, segundo eles, da “barriga” da grande abóbora transformada em delicioso doce, aos olhos curiosos desses aprendizes da vida...

Meu sono não voltou... Terminei meu “cronto” da madrugada, já aos vestígios do sol a fazer-se brilhar sobre o pequeno canteiro infantil. Eu, a apreciar as flores amarelas transformando-se em graciosas verdes abobrinhas.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **MARIA MADALENA TRICANICO DE CARVALHO SILVEIRA**

Cadeira 14 - Patrono: Branca Motta de Toledo Sachs

AH... AS AMIGAS...

As amigas que nos dizem palavras sinceras
Nos trazem para a realidade.
Algumas são bipolares,
Ajudam e atrapalham.
Assim mesmo, as chamo de Amigas.
Quer conhecê-las?

A MANHÃ, também a chamo de Aurora, conversa comigo, ajuda-me a agradecer o novo dia, a fazer muitos planos, e quando estou no melhor entusiasmo, vai embora, e muitas vezes sem se despedir...

A TARDE é a minha amiga que sempre tenta consertar os sonhos mal acabados. Difícil conversar com ela... é tudo mais ou menos...melhor deixar como está...não sei se ela me cansa ou se falo outra língua...

A NOITE é aquela que chega bem de mansinho para me lembrar dos convites para bailes, missas, reuniões, jantares, visitas de amigos e parentes, eram tantos...agora finjo que existem e me desculpo...

A “outra amiga” é a MADRUGADA. Chega às duas, três ou quatro horas. Sistemática, complicada, não diz nada, acorda-me só para eu ver que está acompanhada da Amiga SAUDADE...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **MARISA BUELONI**
Cadeira 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade

GUARDA TEU CORAÇÃO

Guarda teu coração. Sim, tranca-o a sete chaves para que não veja a maldade do mundo. Guarda teu coração da inveja, da injustiça, do descalabro, da perversidade que se alastra à nossa volta como uma onda malévola. Guarda teu coração. Protege tua vida, anda na retidão dos teus passos.

Não erres o caminho. Guarda bem a rota por onde peregrinas, para que o retorno esteja garantido, não seja preciso recorrer a um perigoso atalho. Guarda bem na memória cada árvore, cada curva, cada porteira onde viceja um pé de primavera vermelha, aqueles cachos de flores ofuscando a nossa vista.

Se for preciso, pendura aqui e ali um pedacinho de algo, uma fitinha, para não te perderes na volta. O perigo ronda em toda parte. Muitos saíram de suas casas e nunca mais voltaram. Pais aflitos procuram pela filha, pelo filho, a polícia não dá conta de tanto crime, tanta morte, tanto desaparecimento, tanta violência.

Guarda teu coração. E se queres ser feliz, não fales da tua vida a ninguém. Guarda para ti o que te acontece de bom e de ruim. Os risos e as lágrimas. As vitórias e os fracassos. Cada investida em vão, cada perda, cada dor. Guarda para ti o riso da alegria, da felicidade e do amor. Não comentes muito das tuas doenças e decepções. Todos sofrem de alguma coisa nesta vida. Mesmo o mais saudável um dia parte, com um achaque súbito.

Guarda teu coração. Deixa-o bem protegido para o dia do encontro com o Senhor. Então, sim, abrirás o cofre da tua intimidade para receber o prêmio eterno, a coroa da glória, sobretudo se tiveres combatido o bom combate, concluído a corrida e guardado a fé!

Guarda teu coração. Faz de tudo para manter a paz à tua volta, mas se fores afrontado de uma maneira injusta e traiçoeira, tens o direito de lutar por justiça e pedir que te seja devolvido o sossego necessário para viver. Tem direito o cidadão de chegar à casa ao anoitecer, e cumprir o sagrado ritual do descanso: tomar um banho, comer algo e desfrutar do silêncio para ler um livro, ver um filme,

ouvir música. Bendita seja a paz do nosso lar!

Guarda teu coração. Para andar pela casa, depois da faxina bem feita. Recolher a roupa do varal, com cheiro de sol. Cozinhar o prato preferido. Usar o perfume amado. Pegar o violão e cantar a mais bela canção de amor. Estar com pessoas queridas e rir com elas. Saborear um prato com uma companhia que tenha assunto. Deixar o coração fazer um pouco o que ele tanto gosta.

Guarda teu coração. Fala baixo, deixa o rádio baixinho, comporta-te de modo a não incomodar os vizinhos, a não perturbar ninguém. Usa tudo com muito critério e respeito. Sê grato por tudo. Gratidão, sempre. Por nossa casa, nosso carro, nossa comida, a água na torneira, o banho maravilhoso, a cama limpa e perfumada. E o sol que Deus nos dá de graça.

Guarda teu coração. Não reveles o segredo que depositas nele. É precioso demais e deve ser preservado. Guarda as tuas memórias, as do passado e as do presente, pois elas serão uma fonte de sonho para o futuro. E este está logo ali, depois daquele horizonte azul que avistas de qualquer ponto. Guarda esta beleza contigo. A visão da longínqua linha que faz o encontro do céu com a terra, onde a esperança fez sua morada para sempre.

COM LICENÇA

Peço licença para um pouco de divagação. Para andar sem rumo na crônica nesta revista literária, um privilégio de quem não escreve artigos sérios e profundos. Ficarei na superfície dos assuntos e da palavra escrita. Mas quando quero ser profunda, também sou. Porque, na verdade, a vida exige profundidade.

* * *

Diante de algumas tarefas ou impasses, é costume usar uma exclamação meio descabida: “não sei por onde começar...”. Em geral, sabemos sim, já conhecemos o caminho das pedras. A exclamação é só um aditivo para o impulso da iniciativa. Tire a mão do queixo e comece. Eu já comecei. Vamos ver.

* * *

Janela. Pra que janela? Não tem mais céu azul, nem pôr de sol. Tem uma suja aquarela chamada dia. Janela. Pra que janela? Não tem mais estrelas, nem mais luar. Janela. Pra que janela? Só se for para ver o meu bem passar. (O humor não estava bom neste dia).

* * *

Ser antiga, arcádica
E tentar um feito:
Declarar-te meu amor
Num decassílabo perfeito

* * *

E a contra-cultura?? Espera aí. Vamos escrever direitinho, agora deve ser sem hífen. Aliás, depois da reforma ortográfica, algumas palavras soam como endereço eletrônico, tipo contraculturatudo-juntopontocom. Outra coisa: foi abolido o trema da língua. Eu era fã do trema. Penso que Anhanguera deve estar triste.

* * *

O futuro seria um mero blefe? E nós, quando é que chegamos, finalmente, no futuro? Quanto mais vivemos, mais futuro há pela frente. Cheguei à conclusão de que o futuro não existe. E se existir, terá, ao menos, uma poltrona boa, um banheiro cheiroso, uma rosa num jardim? Quando ouço a expressão “país do futuro”, tenho um colapso político. As pessoas se matam de trabalhar, poupando para o futuro. E aí, ele demora que só vindo. De repente, quando se está quase lá, vem o enfarte ou a morte. O futuro tem um verbo de tempo perfeito, no infinitivo: morrer.

* * *

Clarice Lispector dizia que estava habituada a uma vida difícil e que uma vida fácil a deixava desorientada. Clarice escreveu numa carta: “Não pense que a pessoa tem tanta força assim, a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta o nosso edifício inteiro”.

* * *

Sabe, se você quer chorar, chore. Se você tem motivos para rir, ria. Dizem que rir é o melhor remédio. Não faça como aquele jovem que, nos anos 70, criticou Hebe Camargo porque ela ria demais na tevê, num momento em que o mundo assistia ao drama da guerra no Vietnã. Hebe perguntou no ar: “Moço, se eu parar de rir a guerra acaba?”.

* * *

Era uma vez o talvez. Talvez não é sim nem não – é um ponto de interrogação.

Talvez – ah, talvez – o que seria de nós sem o talvez?
Ele vai ou não vai? Ela fez ou não fez?

Talvez...

Talvez o mundo fosse outro, se houvesse afirmação, mas o talvez existe – nem alegre, nem triste – para toda situação.

Talvez...

O talvez não define, não determina, mas ensina a ter esperança. Até porque, diz o ditado: quem espera sempre alcança.

Talvez...

E você não sabe de nada, se você vira estrela ou vira sabão. Melhor assim, que seja de uma vez: melhor talvez, melhor que não.

* * *

Aquecimento global. Emissões de carbono. Efeito estufa. Estufaram o peito, senhores do clima? Tudo está saindo nos conformes. É só conferir. As cúpulas discutem, enquanto a Terra treme, o fogo arde, o mar avança e os rios transbordam. Quem se dispõe a uma palavra de sabedoria e bom senso? Ah, se o mundo tivesse um síndico, daqueles bem enérgicos e insuportáveis...

* * *

Agradeço a licença concedida, a permissão de vagabundear pelas frases, pelos temas, enxerida, pelos arremedos de poesia, assim, meio sem jeito e arredia, como quem não quer nada. Obrigada.

ENFIM

Quantos caminhos percorrem as almas!
Alguns serenos, outros aturdidos
A todos eles nós batemos palmas
Aplausos tolos: estamos perdidos

Se a seta aponta um desvio adiante
O corpo aceita o súbito atalho
Promessa vã, talvez falso brilhante
Ou uma carta fora do baralho

Caminho reto não encontrarás
Desvios, pedras e subidas, sim
Segue adiante, pois só pararás

Quando, então, na certa sentirás
No teu nariz um confuso jasmim
– Agora, amigo, enfim, descansarás...

NOITE E DIA

A noite tem um encanto provisório
Que vai embora, tão logo amanhece
O dia chega e é bem notório
Que noite e dia – tudo nos aquece

A noite tem mistérios, tem poesia
E um silêncio puro, inquietante
Tem qualquer coisa que não tem o dia
Em sua exuberância radiante

Brilha o dia; a noite é opaca
Durante o dia muge uma vaca
Durante a noite brilha uma estrela

Sonoridade é o que sugere o dia
Silêncio e paz a noite anuncia
(Em qual dos dois, minh'alma, fui perdê-la?)

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **RAQUEL DELVAJE**

Cadeira 40 - Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

(... Continuação – A primeira parte encontra-se nos livros 17, 18 e 19, publicações anteriores a essa)

Encerra a primeira parte: “Mares e Névoas”.

São quinze cantos, todos são intercalados com rimas do canto anterior. Os versos são decassílabos heroicos e alguns são sáficos.

Sinopse: Um homem em alto mar, em meio à neblina, não consegue se direcionar e num infortúnio perde o remo. Entrega-se ao destino para morrer e surpreende-se, pois diante de tanta desesperança encontra forças para viver a cada dia.

Segunda parte: Colinas e Vales.

São quinze cantos, todos são intercalados com rimas do canto anterior. Os versos são decassílabos heroicos e alguns são sáficos.

Sinopse: Após um naufrágio, bardo encontra-se em terra firme. Enterra seu anjo após encontrá-lo morto. Passa vários dias em total solidão.

XVI

Minha alma caminhante, ao sol raiava,
Vi surgir no horizonte um lume amigo,
Luz que minha visão descortinava.
Doces sonhos mantinham-se comigo,
Ternura de um amor que me encantava.

Planícies e colinas desenhadas,
Formando uma pintura na paisagem.
E eu andava bem firme nas passadas,
Desejando encontrar minha paragem,
Aconchego da minha alma cansada.

Durante todo o dia fiz meus planos,
Ora eu era um gigante nas colinas,

Ora eu era o meu mais pungente engano.
Sem anjo a proteger-me das ruínas,
Vencido em minhas dores oceanos.

XVII

Ao longo da jornada, os perigos
Permaneciam sempre ao meu lado.
Dois dias caminhava sem abrigo,
Corpo em exaustão, com pés calejados
E praguejei o mundo, meu castigo.

A montanha mais alta da paisagem,
Este era o meu penoso objetivo,
De lá, descobriria da viagem,
Um caminho certo e decisivo...
Que me leve ao descanso da paragem.

Mais dois dias e chego na colina,
Eu já tenho bem poucas provisões,
Sem o facho da força que ilumina,
A fé está bem longe das visões
E a solidão agora me alucina.

XVIII

Voava um condor no céu azulado,
Na infinita paisagem de montanhas,
Ao longe observava indo cansado,
Tenaz bardo alcançando sua façanha,
Das colinas, o cume desejado.

Alcançava o mais árduo objetivo.
Era o ponto mais íngreme e chegava,
Arrastou-se a serpente ao ponto vivo,
De uma mão fortemente que apoiava,
Fez a vítima... bardo pungitivo.

Num impulso subiu... e as reações
Do veneno chegaram logo à veia,
Bardo viu no mais breve dos clarões
Que estava numa ilha e desnorteia...
Reduzido em enormes aflições.

XIX

Bardo se viu no cume da montanha
E descobriu que tudo era uma ilha,
Além de toda a dor que me acompanha,
Vejo a noite cobrir-se de armadilha
E meus olhos, um manto escuro ganham.

O veneno tão logo circulava
E perdi-me na ilha escuridão...
Dos meus olhos que já não enxergavam.
Dois dias rastejou na vastidão,
A minha alma infeliz que amargurava.

Sentou-se ao chão cobrindo-se de areia,
Amaldiçoa Deus, disse uma voz
E prostrado na dor que lhe golpeia,
Como Jó, numa angústia muito atroz,
Adorou a Deus, na fé que incendeia.

XX

Fiquei preso no escuro de uma ilha...
Toquei por toda a treva, amigo banjo,
Era a minha alma a presa da armadilha,
Lágrima em minha face, em desarranjo...
Sou refém de alcateias e matilhas.

Triste canto saía do coração
E o banjo, melodia que doía,
Descia dos meus olhos sem visão,
Toda a lágrima que a alma possuía,
Era o meu canto... eu ... e a escuridão.

E dois dias de angústia muito atroz,
Surgiu na tarde, vista luz clarão,
Aos meus ouvidos, canto de albatroz
E um perfil humano na visão...
Testemunhando em mim a dor feroz.

XXI

Meus olhos na visão de um homem anjo...
E meu coração mal podia crer,
Devolvida a visão por meu arcanjo,
E eu ali de joelho a receber...
Com lágrimas na face, em desarranjo.

Mas bem rápido me ergueu, não podia...
Esperar nem mais um pouco momento,
Que este Sol no poente já se ia,
Tomado no torpor do pensamento
E do meu coração na calma.

Encheu toda a minha alma de emoção,
Senti que era chegada a minha vez
De ter teus olhos na minha visão...
Deleitar-me na tua placidez,
Acalentando a dor do coração.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **SHIRLEY BRUNELLI CRESTANA**
Cadeira 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa

SEM PLATEIA

Esta noite estarei só
despojada de todos os medos.
Ninguém aqui entrará
nem a dor que bate
recostada à minha porta
nem a solidão
andarilha da noite alta.
Quero sozinha
ser o alvo
ser a festa
sem ensaio
sem motivo.
Apenas eu
cara lavada
corajosa
renascendo de mim mesma
como quem sabe o que quer
assim meio bicho meio gente
mas
acima de tudo: Mulher!

RENOVAÇÃO

Sou realidade pensante
feita de conflitos e lutas
em constante recomeço.
Preciso tanto
que a paz desça sobre mim
pela luz de uma estrela
e lave meu espírito
com as águas de inefável fonte.

Depois
enxuga-me com o manto do silêncio
oh! Iluminada lua
e pede aos astros que fechem os olhos
enquanto acendo um incenso
e aguardo o amanhecer
completamente nua!

EQUÍVOCO

Debruço-me na sonolência da janela
e invejo as estrelas que se banham
na lagoa escura do firmamento.
Enquanto bordo pedaços de tempo
espeta-me a pele a saudade do teu olhar.
Tenho um bisturi sempre à mão
para extirpar as emoções indesejadas
e engana-se quem pensa
que tenho empatia com a dor.
Sou feita de alma
também de matéria
e podem até dizer
que tenho a cabeça oca
mas
sei muito bem como entornar
a taça de vinho em tua boca...

DECISÃO

Penduro meus desejos
na verticalidade das estrelas cadentes
e parindo rimas novas
bebo na taça inefável da noite.
Atrevida e selvagem
zombo dos cáusticos e cínicos

que dormem em trevas
agasalhados pela falsa inocência.
Como ave que emerge e voa
minha coragem alcança a rua
e ateando fogo no silêncio
espreita a madrugada
que desfila negra e nua.

MEU QUERER

Nesse momento
é isso que eu quero
pichar um poema
nas paredes brancas da vida.
Audacioso e rico
onde as palavras
ao passar pelo crisol da censura
saíam ilesas
sejam eternas
e não me pertencendo mais
partam aladas pelo mundo.
Um poema
que da palma das minhas mãos
chegue aos olhos de Deus
e tangendo
do Universo a flauta arredia
seja semente
unicamente servindo à poesia!

SE POSSÍVEL FOSSE

Neste mundo tridimensional
no qual estagio
sinto que
o tempo deveria parar...

Seria mágico
possuir asas
pousar na tua janela
e ficar para sempre
na mira do teu olhar...

ASSIM SERÁ

Deito todo meu cansaço
no colo da noite escura e fria.
Levo na bagagem milenar do espírito
apenas uma foto
e o peso de tua ausência.
Procuro-te em vão
pelos cantos do silêncio
que sublima e sensibiliza
ainda mais o meu viver.
Eu juro!
Qualquer dia te encontro
entro em tua vida
penetro a tua pele
e seja como for
circulo para sempre
pelos vasos sanguíneos do teu corpo
contaminando-te com o meu amor!

ESQUEMA

Eu preciso de uma ideia insólita
de uma dança radical
de uma reza poderosa
para chamar tua atenção.
Desejo alcançar o estado angélico
para inundar-te de paz
ou ter a força do vento

para arrebatá-lo do chão...
Se ainda assim não me quiseres
farei uma loucura
emprestarei a coragem de um kamikaze
para alvejar o teu coração...

SEM NINGUÉM

Alguém passa
pisando folhas secas
na luz fulgente da tarde.
Uma ave cisca minhas aflições
e solitária fecho os olhos
para não ver
o rígido silêncio.
Logo anoitece
fora e dentro de mim...

AROMA DA MANHÃ

Meu espírito
anseia pelo aroma dos deuses
pego bálsamo e incenso
e a chama do silêncio acende-se em mim.
Sedenta de luz abro a janela
o cãozinho branco da vizinha
fere os tímpanos da manhã
dois meninos na rua
flagrados pela minha comoção
procuram coisas nos sacos de lixo...
Quente claridade inunda a sala
ando nua pela casa
displicente e sozinha
mesmo ao presentir que o sol
espia pela porta da cozinha...

ISSO É TUDO

As mãos do silêncio
pintam de azul o meu espírito
nada mais preciso
nem de amor
nem de pão.
Guardo-me
num círculo invisível
e para viver
basta-me o néctar da solidão.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA **SILVIA OLIVEIRA**
Cadeira 22 - Patrono: Erotides de Campos

ENTREMEIO

Céu que se cinza
entremeio de tarde
que antes ardia
num sol amarelo

Branqueadas nuvens
até lumiadas
agora se tintam
das cores horrores

Tempestas alardes
- que é feito do elo
princípio que unia
o homem a Deus...



VENTOBRISA

Vento desarrumando tudo
carregando coisas
pra longe
ofuscando do sol
o brilho

No vento de chuva
aparece do céu
o lamento
o cinza que tinge
seu fundo
o choro que tange
seu ser

Há os que ouvem
do vento a música
outros que sentem
a vida mais perto
há ainda os que temem
a convulsão do vento
ou que preferem
algo certo no ar
a calmaria da brisa
aliviando calor
Eu sou daqueles que dizem:

o vento é paixão
a brisa é amor

FLORANDA**FLOREMAS****FLORINS**

Lá fora o dia
: movimentos lentos
ventos leves
: pensa a mente
sente a poesia

Cactus e sua florestrela
nem do céu nem do mar
mas da terra suas raízes
atávicas da natureza

A espera...
tão longa quanto
a distante era
na terra que encerra
feras e calantos
– quão infante o coração
esperante
quase dum santo

ERAM ERAS



Tempos eram
d'outras eras
: cascas camadas
tramadas em lascas

Hodiernas árvores
desvendando segredos
olhos folhas
flores ternas
: eternos dramas
perenizando amores

VALENTINE'S



For one day
only
your eyes
your lips
your hands
– a secret
– a smile
between your heart
and mine

For just
once
a sunshine
to be kept
warm

A mystery
a spell to cast
a word to say
by the two of us
to celebrate
Valentine's today

RETALHOS DE MINHA VIDA

Como já disse uma vez a escritora Cora Carolina, nossa vida é mesmo uma imensa colcha de retalhos... sempre temos alguma experiência, fato especial para costurar em nossa colcha...

E, aqui quero “costurar um retalho” que muito embelezou minha “colcha”... digo minha vida...

Foi um tempo muito feliz! Onde aprendi muito sobre convivência entre humanos e animais. Esse “retalho” realmente precioso, vivi, como bióloga de um zoológico aqui da região.

Vivi, nesse Zoo, experiências inesquecíveis com os chamados “animais selvagens” Selvagens?

Pois bem, selvagens, mas, muito observadores, e muito mais atentos ao seu ambiente, do que se possa imaginar. Aprendi muito convivendo com eles. Acompanhei o nascimento de muitos, inclusive de duas tigresinhas que a mãe rejeitou após o nascimento delas... (pois é, também no reino animal existe esse comportamento).

Aí, nós, os funcionários, nos revezávamos para cuidar da alimentação das duas bebês..., a quem demos os nomes de Jade e Pérola... duas fofuras, que tomavam as mamadeiras em nossos colos e caminhavam por nossa sala, pequeninas, graciosas, sob os cuidados atentos do veterinário.

Passados alguns meses, por serem animais exóticos, isto é, não pertencerem à fauna brasileira, foram comprados por ninguém mais nem menos que Beto Carreiro, que veio do Sul, pessoalmente, para buscá-las. Foi um dia triste para nós, mas, no Zoo dele, elas estariam mais seguras, melhor cuidadas. Também nos visitava, sempre no Zoo, o ator Vitor Fasano, que era apaixonado por animais e que também tinha licença especial do IBAMA para recebê-los.

Mas, no dia a dia, muitos desses animais nos ensinavam muitas lições...

Entre elas, vi, mais de uma vez, um casal de patos ensinando seus filhotes a nadar: mamãe pata pulava na água e os patinhos, um a um, pulavam e iam em fila atrás dela e, por último, muito atento,

papai pato pulava na água. Cena maravilhosa que vi muitas vezes... até que, um dia, quando todos estavam nadando, felizes, veio sorrateiramente, pelo fundo do lago, um jacaré que abocanhou o papai pato e sumiu com ele, nas profundezas do lago... Mamãe pata desesperada, voltou à margem do lago, com seus filhotes e lá permaneceu por horas, esperando, talvez, que o papai, pato voltasse...

Havia também um chimpanzé, que conviveu com um casal de humanos até os cinco anos de idade, mas, que depois disso, foi entregue ao Zoo – estava crescendo e mudando seu comportamento... Ele entendia perfeitamente nossa linguagem e... nos conhecia até pelos nossos passos dentro do Zoo. E, eu, pelo fato de ser educadora ambiental, recebia as visitas – especialmente de escolares e com eles caminhava explicando sobre a vida dos animais num Zoo. Esse Chimpanzé era o sucesso das visitas ao Zoo. Quando estava de bom humor, até respondia com a cabeça um “sim” ou “não” às perguntas que fazíamos a ele... as crianças simplesmente amavam.

Também havia um casal de cisnes num dos lagos que, dançava alegremente, para mim quando ia saudá-los ao chegar ao Zoo.

Aqui uma observação: o Zoo era fechado ao público as segundas-feiras e eu, ao chegar, passava pelos recintos de todos os animais... eles conheciam minha voz... meus passos...

Também recebíamos animais feridos, queimados, que a Polícia Florestal (hoje Polícia Ambiental) nos encaminhava: filhotes de lobos guará, veados, queimados nos canaviais, matas incendiadas, leões mutilados em circos... muito triste e... quase sempre, sem recuperação... Maus tratos à vida selvagem são mais frequentes do que se pode imaginar...

Mas, infelizmente, a Natureza, de modo geral, não é respeitada pelo homem... e, em qualquer dificuldade financeira, os políticos abandonam as causas ambientais, não se preocupam em recuperar áreas desmatadas, proteger a fauna silvestre e – acabam por fechar os Zoológicos – como esse onde trabalhei... Eles se esquecem que nosso planeta precisa, hoje, mais do que nunca – ser preservado – É o único lar que ainda temos... e, nele está toda a harmonia da vida: precisamos uns dos outros!

Esse “retalho”, como muitos outros, está costurado em minha “colcha”...

Talvez, algum dia, resolva costurar mais alguns...

SETEMBRO – MAIS UMA VEZ

E setembro chegou novamente!

O mês das belas floradas das árvores nas matas, nas encostas das montanhas, nos vales...

Mês onde os pássaros voam felizes fazendo seus ninhos... é a Natureza em festa.

E, também para nós, piracicabanos, foi num distante setembro que nasceu um homem que, acima de tudo, amou a Natureza e com muito carinho através de suas histórias, passou tudo isso às crianças enquanto viveu!

Refiro-me a Thales Castanho de Andrade, piracicabano, nascido a 15 de setembro de 1890...

É considerado o primeiro escritor infanto-juvenil de nosso país! Seu primeiro livro – “A filha da floresta” – de 1919 é anterior ao primeiro livro de Monteiro Lobato, de quem era amigo – “Narizinho arrebitado” – publicado em 1921.

Thales escreveu dezenas de livros, com tiragem de milhões de exemplares. Mas, sua obra mais lida, vendida, adotada em muitas escolas, por vários anos, foi “SAUDADE”.

Prefaciando essa obra, Sampaio Doria escreve que ela... “terá o cordão de insuflar na alma, germes de amor à Terra e à Pátria...”

Eu, completo esse prefácio afirmando que Thales respeitava através de seus livros, a inocência, a pureza da alma da criança! Era realmente O EDUCADOR!

Muito tempo depois, num 13 de setembro de 2007, lançava eu, meu primeiro livro: “Contos para pequeninos”. Uma coletânea de histórias infantis que publiquei durante anos no suplemento infantil que o “Jornal de Piracicaba” editava aos domingos... Saudade disso também!!

Prefaciando meu livro, Hugo Pedro Carradore, entre outras afirmações escreve que... “Contos para pequeninos” é um misto de fantasia e realidade que alimenta no espírito da criança a inteligência, o caráter, com seu cunho lúdico, penetra no universo infantil,

ensinando e educando”...

Eu não conhecia, até então, Thales Castanho de Andrade... nem havia lido nenhuma de suas obras. Fui, como muitos jovens de minha época, cursar faculdade em outra cidade e, ocupar cargos também fora dela.

Mas, conheci e convivi com o Hugo Pedro Carradore no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP – quando, a convite dele e de Haldumont Nobre Ferraz fui fazer parte daquele seletto e culto grupo de historiadores piracicabanos.

De acordo com Hugo Pedro Carradore, eu escrevia para crianças, histórias que mexiam com seu imaginário, ensinavam lições de respeito à Natureza, como Thales escrevia também! Por conta dessa comparação, enquanto viveu, e frequentou o IHGP me deu o honroso apelido de “Thales Castanho de saia” ...

Honra grande demais para mim!

E, sem conhecer direito Thales Castanho de Andrade, lancei meu 1º livro infantil, num 13 de setembro – exatos 30 anos após a morte dele!

Esse livro também me deu a honra de receber o aplauso da Câmara Municipal de nossa cidade, em 19/09/2007, por ser a 1ª escritora de livros infantis após a morte de Thales...

E... claro, depois dessa descoberta, li quase todas as obras de Thales!

Não tenho, nunca tive a pretensão de ser um “Thales de saia” – mas, lamento profundamente, não tê-lo conhecido...

Continuo a escrever, com muito carinho, para crianças, ensinando o amor e o respeito à Natureza, agora mais feliz e honrada ainda.

Duplamente feliz! Herdei de meu avô paterno, que também não conheci, o Amor à Natureza, tão bem representado por ele, quando plantou a “SAPUCAIA DA PAZ” ao saber do fim da 1ª Guerra Mundial...

Mês de setembro! Em meu coração, minha memória, sempre ficará Thales Castanho de Andrade – mais uma das muitas coincidências que a vida me apresentou!

Minha homenagem singela a um grande escritor que, mesmo sem ter conhecido, tenho a felicidade, a honra de trilhar seus mesmos sonhos, seus mesmos caminhos...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO **VITOR PIRES VENCovsky**
Cadeira 30 - Patrono: Jorge Anéfalos

VIAJANDO NA LEITURA



O projeto Viajando na Leitura foi realizado entre setembro de 2022 e janeiro de 2023 pela Academia Piracicabana de Letras (APL) e Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP).

Teve como objetivo promover a leitura junto aos usuários do transporte público de Piracicaba. Quatro terminais de ônibus receberam geladeiras literárias, o que permitiu distribuir mais de quatro mil livros.

Outras ações foram desenvolvidas no Viajando na Leitura, tais como divulgação de QR codes para acesso a livros digitais através de celulares, pesquisa de opinião sobre literatura junto aos usuários de wi fi dos ônibus e um concurso literário.

O concurso literário recebeu 354 inscrições válidas do Brasil e outros países, nas categorias poesia e prosa.

O Viajando na Leitura teve apoio da Secretaria de Educação, Semuttran, Prefeitura de Piracicaba, Rotary e Tupi Transportes. Foi

patrocinado pelo Colégio Objetivo e Pecege.

O projeto continua. Outros locais da cidade de Piracicaba receberam suas geladeiras literárias para dar prosseguimento à distribuição de livros e promoção da leitura. São eles:

* * *

- Biblioteca Pública Municipal “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”;
- Etec Dep. Ary de Camargo Pedroso (Etec Paulista);
- Faculdade de Odontologia de Piracicaba (Unicamp);
- Mercado Municipal de Piracicaba;
- Parque do Engenho Central de Piracicaba.
- Terminal Rodoviário de Piracicaba
- Assupira – Associação de Surdos-Libras Piracicaba

“PÉ TORTO”

Uma maldição marcou a vida do Toninho. Os problemas de saúde, comuns em todos os indivíduos, eram diferentes para ele. A falta de ar, a dor de cabeça ou a dor nas costas era amplificada quando acontecia com ele. Era a tal da maldição.

Quem mandou chutar aquele trabalho de macumba? Sua mãe sempre o fazia lembrar desse momento na juventude em que ele, numa encruzilhada de uma estrada de terra batida e iluminada pela lua cheia, não pensou duas vezes e chutou o trabalho.

O momento de alegria ficou no passado. Um divisor de águas se formou. A história de sua vida tomou outros rumos depois daquele dia fatídico. Seu pé direito parecia torto e mais pesado do que o esquerdo. Tinha dificuldades para andar. Todas as posições, na vertical ou na horizontal, sentado ou deitado, o incomodavam. Seu corpo parecia fora de simetria. E, com dificuldade, chegou até o final de sua vida. Dizem que teve até dificuldades para subir aos céus. Era a tal da maldição.

“SANTO OU DIABO”

Quando morrer, você vai se encontrar com o diabo. Era dessa forma que o Tulipa era lembrado diariamente pela mãe religiosa e demais parentes e amigos. Mas ele era, na verdade, um santo. Já havia, inclusive, um espaço especial no céu para a sua estrela. Mas como um santo pode ser um diabo?

Tulipinha nasceu com uma deficiência auditiva, que nunca foi percebida e tratada. Aprendeu a se relacionar com as pessoas com o auxílio da leitura labial. Escutava muito pouco, principalmente em ambientes ruidosos. Em todos os encontros, mudava a direção do olhar dos olhos para as bocas das pessoas. Era a única opção.

Sua altura de quase dois metros também contribuiu para que ele fosse considerado o capeta da família, do bairro e da empresa em que trabalhava. Todas as vezes que seu olhar era direcionado para baixo, para fazer a leitura labial, as mulheres achavam que ele estava olhando para os seios delas. Levou muitos tapas na cara por conta disso. Foi repreendido no trabalho e nos locais em que costumava frequentar regularmente.

Desde a juventude, sofria pela rejeição dos parentes e amigos devido ao seu comportamento considerado pecaminoso. Parecia impossível reverter a situação, pois era uma questão de necessidade e de ângulo de visão.

Mas sua história ainda não chegou ao fim. Tudo melhorou quando ele passou a se comunicar olhando para os olhos das pessoas. Suas relações melhoraram muito, pois as expressões dos olhos transmitem informações especiais e únicas. Através dos olhos das pessoas, passou a conhecer a alma das pessoas. Todos começaram a admirá-lo. E de diabo, passou a ser considerado santo.

“O CAÇULA DA FAMÍLIA”

Todos reconheciam que Alemão era o filho mais querido da família. Mas também era o mais invejado no trabalho, no clube e na escola em que lecionava. Recebia prêmios, pelas metas alcançadas nas vendas, ou viagens, pelo reconhecimento como o melhor funcio-

nário no local de trabalho.

Ganhava medalhas nas competições em que participava no clube, e sempre era o professor homenageado pelos alunos nas formaturas. Mas as conquistas tinham uma explicação. Ele era o caçula de uma família numerosa.

Aprendeu com os irmãos mais velhos um pouco de tudo. Escutava e memorizava todas as informações recebidas gratuitamente nas reuniões familiares e nas mesas das refeições. Virou uma enciclopédia ambulante.

Aprendeu a falar e argumentar, pois precisava negociar com os irmãos mais atenção e espaço na casa. A competição na família foi a sua melhor escola. Se tornou um grande artista e passou a ajudar as pessoas menos favorecidas. O conhecimento e a oratória foram suas melhores armas para transformar as vidas dos moradores de sua pequena vila. Alemão encantou o mundo e entrou para a história.

“SORTE NA VIDA”

Gaúcho era muito sortudo. Com uma frequência fora do comum, ganhava no jogo do bicho e nos bingos e rifas em que participava.

Era impossível explicar como tudo acontecia. Mas algo especial era evidente. Ele tinha uma vida intensa e tudo o que observava à sua volta era levado em consideração no momento de apostar nos jogos de azar.

Depois que a briga com o sócio chegou ao fim, comentou que o comportamento do seu oponente lembrava a de um animal raivoso dando coices. Não pensou duas vezes e jogou no cavalo. Ganhou mais uma vez no jogo do bicho.

Numa outra briga, os dois sócios não pouparam os palavrões. A discórdia imperava. Um acusava o outro de burro. Era burro de um lado para o outro. Surgiu mais um motivo para jogar. O Gaúcho ganhou jogando no burro.

No pátio de caminhões de sua empresa, um cachorro desconhecido, branco de boca preta, atacou um motorista. O cão não desgrudava da barra da calça do coitado, que chacoalhava a perna sem sucesso. A preocupação com a cena trágica durou pouco, pois logo

em seguida saiu o resultado do jogo no bicho. Deu cachorro.

E assim, Gaúcho seguiu sua vida. A sorte estava sempre a seu lado. Todos os dias era possível vê-lo desfilando pela cidade em sua Kombi branca novinha e com seu relógio cebolão dourado no braço direito.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO **WALTER NAIME**
Cadeira 37 - Patrono: Sebastião Ferraz

COMO SE FOSSE

Alguém terminou o seu trabalho pensando que fosse o último.

Desceu na estação pensando que tinha chegado ao final e em seguida viu o trem partir de novo.

Achou que estava cansado e descansou e ao acordar tudo estava inundado de esperanças.

Observou o pescador por três horas seguidas e no final disse: como é que esse pescador aguenta pescar durante três horas sem pegar nada? Eu aguentei assistir!

Pensou, pensou, pensou e não chegou a nada, continuou pensando e chegou a tudo o que não era.

Penteou os seus dez fios de cabelo como se fosse tirar fotografia para o casamento.

Na frente do espelho conseguiu abrir a boca expondo o seu sorriso banguela.

Na casa do caipira da área rural é comum encontrar na sala fotografias da família: pai, mãe, avô, avó e alguns animais de estimação como cachorro, boi ou cavalo. Achando que podia fazer uma gozação em cima do caipira ao se dirigir a fotografia de um burro indagou: Este aqui é mecê? Não sinhô esse daí é “espeio”.

Olhou o inimigo como se fosse adversário e pensou em vencê-lo.

Apertou a mão de quem escondia a outra.

Olhou nos olhos de quem os tinha fechados.

O médico psiquiatra atendendo um paciente que dizia que o jacaré queria comê-lo após alguns atendimentos durante seis meses, achou falta do paciente. Numa de suas andanças ao passar em frente da casa do mesmo perguntou a sua mulher como ia indo o marido. A esposa respondeu: o jacaré comeu ele a semana passada.

Cheirou a flor carnívora quando ela estava se alimentando. Não gostou nada.

Cuspiu para cima e se viu embaixo para não deixar sujar o chão.

Ouviu o réquiem de Mozart ao se despedir da namorada que o deixava.

Para alguém que conhecia um pouco de aritmética foi solicitada a “conta”: Quanto é a metade de dois mais dois? Ele disse três e não dois. Foi questionado e respondeu: metade de 2 é 1 mais 2 é três.

Ficou cego de amor quando tudo isso aconteceu. Ganhou uma bengala.

Aprendeu a linguagem braille ao ser demitido como relojoeiro.

Entrou na escola de libras ao ter artrose nas mãos.

Comeu gato por lebre por não ter lido o nome do restaurante, restaurante “miau”.

Bebeu o vinho “Chapinha” pensando que estava na Santa Ceia.

Comeu o pão que o diabo amassou pensando que fosse o bolo de aniversário.

Votou no que viu e acertou no que não viu. Continua reclamando da sua pontaria, pois vai ter que comprar novos óculos e pagar a conta que cometeu com seu erro.

Subiu no pau de sebo e ao chegar ao topo, depois de lambuzado viu que a nota de mil era falsa.

Depois de verificar em que tudo em que tinha errado baseava-se em promessas mentirosas, você vai reconhecer que o auto engano se estabelece fora da sua alma.

Se me fiz entender ficamos contentes, senão faça de conta, como se fosse!

“A PORCA”

O que é que tem focinho de porco e não é porco, tem rabo de porco e não é porco, tem orelha de porco e não é porco, tem cheiro de porco e não é porco, tem tripas de porco e não é porco?

Você já deve ter ouvido essa pergunta umas dez vezes. No entanto a pergunta permanece viva, porque o nobre suíno, pelos estudos de anatomia é o animal que tem os seus órgãos muito semelhantes aos humanos, e até podem ser substituídos uns pelos outros no uso das cirurgias.

Estávamos esperando que a resposta inicial da nossa crônica não fosse a fêmea do porco, mas sim a feijoada. Com esta resposta lembramos que o prato de alimentação surgido nos tempos da es-

cravidão, feito com os miúdos não aproveitáveis do porco, misturados e cozidos com o feijão, viria a ser o prato muito degustado pelos humanos, que com a semelhança dos seus órgãos, o homem passava a grosso modo, ser um “canibal moderno”, coisa não muito aceita atualmente.

A porca de que iremos tratar é o que forma o conjunto “parafuso e porca”, que serve para apertar qualquer coisa contra outra. Essa porca não tem cheiro ruim, não é mole, não ronca, não procria, não engorda, e sua dureza não permite ser mastigada pois normalmente é metálica ou plástica e servem para apertar.

No caso do parafuso sem a porca, o aperto é feito com uma chave diferenciada e a fixação é feita pela hélice do parafuso. A chave de fenda é a ferramenta usada para esta operação. A porca serve para travar o acoplamento das duas partes do conjunto.

Nos históricos que conhecemos, no cenário sociológico o povo é o que sempre fica entre o parafuso e a porca, sempre apertado entre o sistema político e as manobras dos governantes, que acham que se divertem ao ver o povo esperar.

Parece incrível mas é a realidade sentida nos tempos atuais, pois a inflação corrói o poder de compra e assim quando você compra qualquer coisa, nos mercados e supermercados, farmácias e outros estabelecimentos de serviços em geral, transporte, vestuários, sente o problema da falta do numerário para efetuar o que deseja comprar.

Desta forma a qualidade de vida é afetada de maneira violenta, e os desastres “das faltas” desse poder leva a população adoecer e vir a falecer.

O estado de ânimo da vida vem caindo e a maioria dos sofredores tendem a jogar a toalha no rinque desistindo da vida trazendo nos que ainda permanecem o desejo de fazer o mesmo.

O retrocesso do desenvolvimento se faz presente com maior intensidade.

Os governantes já perceberam desde há muito tempo que o povo quando no limite suportável acaba aceitando um certo relaxamento administrado pelo poder e assim vem controlando as crises que se sucedem.

As ferramentas que controlam esses apertos são de diferentes

fabricações: Executiva, Legislativa e Judiciária, que formam os três poderes da democracia.

A democracia parece ser o melhor sistema sócio-econômico existente. Churchill, primeiro ministro britânico disse “O pior sistema da condição sócio-econômica é a democracia exceto os demais”.

Não é necessário dizer mais nada, pois o sistema democrático continuará vivo, apesar da enxurrada de questões que aparecem a toda hora. São necessárias soluções menos demoradas, cujas formas não estão sendo superadas. Necessita-se tempo e as soluções chegam tarde.

Assim no caminhar dos apertos e desapertos o povo começa a ficar desejando que a rosca espante. Será que a porca vai perder sua função?

RESPEITÁVEL PÚBLICO!!!

Debaixo da lona quente com o ambiente um pouco empoeirado, com muitas luzes coloridas, com as cadeiras lotadas e as arquibancadas apinhadas, ao som chamativo da “Maria Barulhenta” o hino circense invade os ouvidos dos presentes. É o espetáculo que vai começar.

Vestido com uma farda reluzente, cheia de botões, com cartola na cabeça, com gesto de “cheguei” anuncia-se com uma voz empolada: Respeitável público!!!

Com este brado inicia-se o espetáculo.

Você em qualquer das épocas deve ter apreciado a sensação mágica deste cenário cheio de alegrias.

O pão e o circo acompanham a humanidade desde muito tempo e creio que por mais se manterá.

O “pão nosso de cada dia” que até faz parte das nossas orações, sempre serviu para nos alimentar, acompanhado de outras comidas, feito de farinha de trigo, cozido ou assado, se apresentando em diferentes formas e tamanhos, manteve de pé as energias da nossa caminhada. Também outros produtos nos fizeram companhia com grande sucesso: os vegetais; os animais com suas carnes; os marinhos com seus sabores. Neste rol podemos citar atualmente que “o

homem não viveu só de pão”, o “homem viveu de pão e banana”.

Em tempos difíceis quando se conseguia comer uma banana até que podia se considerar bem nutrido porque ao olharmos para trás alguém vinha comendo a casca que tínhamos descartado.

Todos os impérios usaram o artifício do “pão e circo” para governar, mantendo-se em equilíbrio, dando pão como sustento e circo para entretenimento. Parece que sempre deu certo, porém atualmente até pão tem faltado.

Como vemos, o governo nesses casos, consegue deixar o povo entretido ficando à vontade nas suas operações. Nestes momentos as agruras da vida são esquecidas, pondo de lado as dificuldades para serem resolvidas depois da bonança. Depois da tempestade costuma vir a ambulância.

Falando de circo hoje estamos com a impressão de que os circos de pequeno porte estão se transformando em um de lona terrestre cobrindo tudo com única lona, onde a política virou o espetáculo, fazendo com que os palhaços se sintam nas grandes arquibancadas humanas, todos com o nariz vermelho, perguntando do que estaremos rindo, pois o espetáculo estaria sendo orquestrado pelos manipuladores do povo. Com isso, o tempo passa ao som do Boleiro de Ravel, “com os cães latindo e a caravana passando”.

Durante toda a caminhada que conhecemos os circos apareciam em maior número, nos remetendo a um estado de inocência muito salutar. Lembramos nesses momentos de alguns nomes que nos remetem a um estado nostálgico: Circo de Soleil; Circo de Roma; Circo de Moscou; Circo Stankowich; Circo di Napoli; Circo do Venezo. Neles você compra o ingresso nas bilheterias. No circo de uma lona só você paga adiantado junto aos impostos que recolhe, pois o “palhaço quem é” é o “ladrão de mulher”, de acordo com a marcha de Carnaval.

Da imperfeição dos atos governamentais, aceitos pela razão humana, pois a perfeição nesses casos é difícil de ser obtida, se escondem os governantes, porém a “dor do povo” não tem onde se esconder e assim caminha a humanidade no mar agitado das incertezas e das inseguranças.

Antes estávamos no “mato sem cachorro”, agora estamos “no mato com cachorro”, onde não há caça e as inutilidades aparecem

a todo hora.

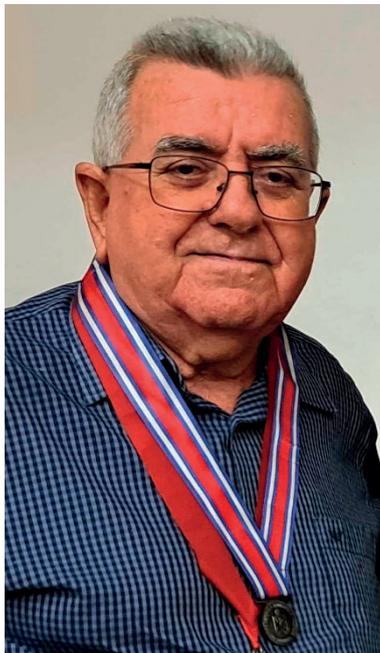
Continuamos aguardar que o mote “Respeitável Público” se transforme em “Respeitável povo!!!”.

APL EM AÇÃO 2022**AGOSTO**

As escritoras e acadêmicas Ivana Maria França de Negri, Carmen Fernandez Pilotto, Carmelina de Toledo Piza e Valdiza Maria Capranico, participaram da primeira edição da FLICO, Feira Literária do Colégio Objetivo.



O acadêmico e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Valdemar Romano, recebeu a Medalha Prudente de Moraes durante a sessão Magna comemorativa dos 55 anos do IHGP.



A acadêmica e historiadora Marly Germano Percin lançou mais um livro e deu palestra durante a Sessão Magna do IHGP, que tem na presidência o também acadêmico e jornalista Edson Rontani Junior.

O presidente da APL Vitor Pires Vencovsky divulgou seu novo livro, lançado em julho, “Ferrovias do Agronegócio” na Educadora AM entrevistado por Alexandre Neder, por Adriana Passari e Antonio Carlos Bonassi na Educativa FM, César Costa na TV Ativa e pelos Comentaristas da Educadora.



Durante Sessão Magna em comemoração aos 55 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, presidido por Edson Rontani Junior, a historiadora e acadêmica Marly Germano Percin autografou seu livro “As Luzes do Vale”.

As escritoras Ivana Maria França de Negri e Carmen Maria Fernandez Pilotto estiveram na Escola Dr. João Sampaio, a convite da diretoria, para falar sobre as Lendas de Piracicaba e sobre o projeto Livro com Pezinhos. As professoras irão trabalhar as lendas com as crianças e no final do ano haverá a culminância, para a qual as escritoras já foram convidadas.

SETEMBRO

No dia 7 de setembro, nas comemorações do bicentenário da Independência do Brasil, foi aberta a cápsula do tempo da Escola Sud Mennucci que estava lacrada há cem anos. Participaram do

evento autoridades, professores, diretores, membros do Museu Prudente de Moraes, da Academia Piracicabana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Todos os itens da caixa, em perfeito estado de conservação, foram expostos para visitação na sede do Museu.

No dia 10 de setembro, na Biblioteca Pública Municipal, os escritores Carmelina de Toledo Piza, acadêmica, e Anderson Brongna, lançaram seus livros “Constelações das Deusas e das Mandalas” e “Nem tão grande, nem tão pequena”, respectivamente.

A historiadora e acadêmica Marly Therezinha Germano Perecin deu uma palestra na sede da Academia Ituana de Letras (ACA-DIL) “Os Liberais do Oeste Paulista e a Independência do Brasil” no dia 17 levando vários acadêmicos e membros do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.



O presidente da APL Vitor Pires Vencovsky participou como jurado no concurso de redação e desenho realizado pela Semuttran para crianças das escolas de Piracicaba.

OUTUBRO

Carmen Pilotto participou do corpo de jurados do concurso de microcontos de humor de Piracicaba.

Dia 15, na FUMEP, Vitor Pires Vencovsky, lançou mais um livro: “Ser Tecnológico – Transformações em Busca de um Mundo artificial”

As escritoras Carmen Pilotto e Ivana de Negri, através do Projeto Livro com Pezinhos, estiveram dia 11 no Museu Prudente de Moraes distribuindo livros para cerca de 70 crianças. Leda Coletti, colaboradora do Projeto, doou os livros infantis.

No dia 17 de outubro a Academia Piracicabana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba lançaram no Colégio Objetivo o Projeto Viajando na Leitura que terá Geladeirotecas nos principais terminais rodoviários de Piracicaba.



Dia 22 foi a vez das crianças do Projeto Renascer Solidário, apoiado pelo CALQ (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz) ganharem livros e guloseimas em evento do mês das crianças. Os livros foram doados pela escritora Leda Coletti.

Os escritores Carmen Pilotto, Ivana de Negri, Leda Coletti e André Bueno Oliveira participaram do V Encontro da Rede de Observação de Aves de Piracicaba – Rede Birdwatching, com um varal de poemas ilustrados. Organização Maria Cristina Arzolla.

O Príncipe dos Poetas Piracicabanos, Lino Vitti, que foi acadêmico da APL, foi homenageado pela câmara de Vereadores dando seu nome ao Centro Social no bairro Água Branca.

No Dia do Livro, Carmen Pilotto e Ivana Negri levaram, através do Projeto Livro com Pezinhos, exemplares para as crianças que foram na Biblioteca Municipal doar um brinquedo para a campanha. Para cada brinquedo doado, um livro. Também foram doados cerca de 300 livros para abastecer as Geladeirotecas do Projeto Viajando na leitura, em mãos para o presidente da Academia Vitor Vencovsky.

NOVEMBRO

No dia 5, a contadora de histórias e ilustradora Carmelina Toledo Piza inaugurou uma exposição de ilustrações de sua autoria na Biblioteca Municipal.

A Revista dos Cinquenta Anos da Academia Piracicabana de Letras foi lançada na Biblioteca Municipal dia 12 de novembro durante tarde festiva.

As escritoras Carmen Pilotto e Carmelina de Toledo Piza fizeram no dia 30, na Biblioteca Municipal, uma oficina de artes com poesia. Os trabalhos serão utilizados em futura exposição.

No dia 12, em comemoração aos 50 anos da Academia Piracicabana de Letras, foi lançada a 19ª revista da Academia na Biblioteca Municipal.



A Biblioteca Municipal foi palco de explanações com o tema: “Estudos Piracicabanos sobre Imigração”, evento promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e Academia Piracicabana de Letras. Os palestrantes foram Edson Rontani Júnior (imigração italiana), Sylvana Zein (imigração libanesa), Sameh Br-glah (imigração Síria), Pedro Kawai (imigração japonesa), Marcelo Rosenthal (imigração judaica). A programação incluiu palestra do Instituto Martius-Staden, de São Paulo, realizada pelo seu diretor Mauritius Reisky von Dubnitz. Também fez parte da programação o lançamento do 9º volume da série Famílias Brasileiras de Origem Germânica, publicado pelo Instituto Martius-Staden, resgatando a genealogia dos primeiros imigrantes austríacos, alemães e suíços.

A escritora Ivana Maria França de Negri escreveu a História de São Norberto para crianças, a pedido de Vania Rodrigues Pizzol, professora de catecismo na Igreja dos Padres Premonstratenses, ordem fundada por Padre Norberto. No dia da primeira eucaristia, todas as crianças receberam um exemplar de presente.

A acadêmica Ivana Maria França de Negri participa do encerramento da eletiva sobre as Lendas de Piracicaba no Colégio Objetivo, e distribui livros para os 76 alunos dos sextos anos. Os terceiros anos receberam livros da Lenda do Túmulo do Padre Galvão ilustra-

dos por Ana Laura e Ana Liz de Negri Kantovitz, alunas do colégio.

Leda Coletti, idealizadora do Projeto Mensagens Natalinas, este ano estará contemplando o Lar Bettel com mensagens e presentes aos idosos moradores do Lar, com a colaboração dos membros do CLIP, GOLP e APL.

DEZEMBRO

3 de dezembro aconteceu confraternização da Academia Piracicabana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba num almoço no restaurante Pintado na Brasa

Dia 7 a Escola Dr. João Sampaio fez a culminância da eletiva sobre as Lendas de Piracicaba e os alunos apresentaram poesias, textos, música, e encenaram os personagens das lendas baseados na Coleção Lendas de Piracicaba de Ivana Negri. Ao final teve show da cantora Aninha. Raquel Delvaje esteve presente, representando a autora, e levou livros para as crianças.

O Museu Prudente de Moraes realiza a 4ª edição do Projeto uma Noite no Museu, visita guiada pelo o contador de histórias Evair Sousa, que narra a História de Piracicaba e suas lendas, evento gratuito, baseado na Coleção Lendas de Piracicaba de Ivana Negri.

A escritora Bianca Rosenthal foi entrevistada na Radio Florida Brazil com a apresentação de Elis Porto, no horário brasileiro 12h e 10h na Flórida.

APL EM AÇÃO 2023

JANEIRO

Aracy Duarte Ferrari apresentou seu livro “Profundas Mensagens”, onde relata depoimentos de familiares e amigos sobre sua trajetória.



FEVEREIRO

Encerrando o Projeto Viajando pela Leitura, no dia 11, foi realizada no Colégio Objetivo, a festa de premiação dos primeiros colocados e dos que foram selecionados no Concurso Literário Saudade.

Participaram do corpo de jurados: Angela Maria de Souza Palma coordenadora do Colégio Objetivo, Carmen Fernandez Pilotto, Ivana Maria França de Negri que integram os grupos literários CLIP e GOLP, Academia Piracicabana de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.



A escritora Christina Negro Silva ficou em 3º lugar na categoria crônica no Concurso Literário Viajando na Leitura

A escritora Leda Coletti foi selecionada para a antologia na categoria crônica no mesmo concurso.

MARÇO

Carmelina Toledo Pisa promoveu a exposição “Olhar pela Janela” com abertura no dia 4, na Biblioteca Municipal

A coluna Literária Prosa e Verso coordenada pelas escritoras Carmen Pilotto e Ivana Negri completa 23 anos de circulação ininterrupta na Tribuna Piracicabana.

Dia 11 de março a escritora Bianca Rosenthal proferiu a palestra “Os Papeis da Mulher na Sociedade” na Biblioteca Municipal e lançou o livro “Violências dos antigos hábitos às novas formas”, junto com Andrea Bandeira de Melo, Cristina Botelho e Daniela Cesário de Mello.

Na premiação Pirarazzi de Cultura, Carmelina Toledo Pisa foi agraciada com troféu em três categorias: escritora do ano, melhor contadora de histórias e melhor livro.

A Academia Piracicabana de Letras realizou a AGO (Assembleia Geral Ordinária) para prestação de contas pela tesouraria e também das ações literárias realizadas ao longo de 2022. Edson Rontani elaborou e leu o relatório sobre as finanças e Ivana Negri, primeira secretária, leu a retrospectiva literária da APL.

ABRIL

O acadêmico Barjas Negri e o jornalista Miromar Rosa lançaram em conjunto o livro de pesquisas sobre fatos históricos e notícias variadas, “Almanaque – Piracicaba/ Século XXI

No dia 14 as escritoras e acadêmicas Valdiza Capranico e Marly Percin lançaram em conjunto na ACIPI, o livro “História de Piracicaba para Grandes e Pequenos”, com ilustrações de Erasmo Spadotto.

A contadora de histórias Carmelina Toledo Pisa faz o Programa Balaio Trançado de Histórias, todo sábado na Rádio Piramix.

No dia 21, a escritora e acadêmica Leda Coletti lançou o livro infantil “Baltazar e Belinha” na Biblioteca Municipal, com ilustrações das gêmeas Ana Laura e Ana Liz de Negri Kantovitz.

O Projeto “Livro com Pezinhos” das escritoras Carmen Pilotto e Ivana de Negri, fez uma grande doação de livros para a geladeiroteca do Museu Prudente de Moraes.

O Projeto Livro com Pezinhos também fez doação de um lote de livros infantis para os projetos do Interact Club Cidade Alta de Piracicaba.

A acadêmica Carmelina Toledo Pizza participou do Programação do SESC - Rio das Artes, abrindo sua casa para visitação e várias atividades.

MAIO

A Academia Piracicabana de Letras recebeu no dia 22 de maio Moção de Aplausos da Câmara de Vereadores de Piracicaba pelo Projeto Viajando na Leitura, em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.



A escritora Bianca Rosenthal teve seu texto selecionado para publica o numa coletânea de contos de humor.

JUNHO

A escritora Carmen Pilotto participou da exposição “Cartas” no Museu Prudente de Moraes

O escritor piracicabano Felisbino de Almeida Leme, que integrou a Academia Piracicabana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, agora morando em Lins, foi convidado a entrar para a Academia Linense de Letras.

Em parceria, a Academia Piracicabana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, realizaram a tradicional Festa Junina na sede do IBA – Instituto Beatriz Algodoal, e os quitutes típicos ficaram a cargo da diretora do IBA, Nilce Moreira.

A Academia Piracicabana de Letras realizou Assembleia Geral para eleger os sete novos membros da APL. São eles:

Angela Maria Furlan Cadeira 25 - Francisco Lagreca

Antonio Filogênio de Paula Júnior Cadeira 12 - Ricardo Ferraz de Arruda Pinto

Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal.Cadeira 31 - Victorio Angelo Cobra

Cristina Aparecida Negro Silva Cadeira 17 - Virginia Pratta Gregolin

Marcelo Batuíra da Cunha Losso Pedroso Cadeira 15 - Archimedes Dutra

Maria Madalena Tricanico de Carvalho Silveira Cadeira 14 - Branca Motta de Toledo Sachs

Shirley Brunelli Crestana Cadeira 27 - Salvador de Toledo Pisa

Dia 27 de junho, mais uma geladeira literária foi inaugurada, desta vez na na SEMAC - Secretaria Municipal de Ação Cultural. As geladeiras integram o Projeto Viajando na Leitura, uma iniciativa da Academia Piracicabana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.



Dia 5 de julho, em comemoração aos 135 anos do Mercado Municipal, um box foi cedido para abrigar mais uma geladeira literária. O objetivo do projeto é o incentivo à leitura.



Em 25 de julho, Carmelina de Toledo Piza, Ana Paterniani e Ana Christina Martins organizaram a Noite das Panteras, com contação de histórias e música.

Em comemoração ao Dia do Escritor, a Biblioteca Municipal realizou um evento em conjunto com escritores, que teve distribuição de livros autografados, exposição de textos ilustrados sobre Piracicaba e divulgação de projetos culturais.

Mais uma Geladeira Literária do Projeto Viajando na Leitura, idealizado pela Academia Piracicabana de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, foi inaugurada na FOP (Faculdade de Odontologia de Piracicaba).

No dia 2 de agosto, os grupos Centro Literário, Grupo Oficina Literária e a Academia Piracicabana de Letras, realizaram a oficina literária mensal, com presença de inúmeros escritores.

No dia 14, na ETEC Deputado Ary de Camargo Pedroso, foi inaugurada uma Geladeira Literária do Projeto Viajando na Leitura.

Em sessão Magna na Biblioteca de Piracicaba, no dia 17, o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba comemora seus 56 anos e outorga a medalha Prudente de Moraes para a acadêmica Valdiza Capranico, Cidinha Mahle e Eduval Morales Fogaça.



O presidente da Academia Piracicabana de Letras profere palestra na Sessão Magna. Inteligência Artificial será o tema.

Mais uma Geladeira Literária foi instalada na cidade, desta vez no Terminal Central de Piracicaba, com um grande acervo de livros para serem utilizados pelos usuários do transporte público.



No dia 23 de agosto, aconteceu na Livraria Nobel, o lançamento da coletânea literária dos alunos do Colégio Objetivo de Piracicaba (CLICO), com prefácio da escritora Ivana Maria França de Negri.

No dia 24, na Biblioteca de Piracicaba, roda de conversas sobre Lendas sob a coordenação da escritora Ivana Maria França de Negri.

Em 26 de agosto aconteceu a FLICO, Feira Literária do Colégio Objetivo com a presença da escritora Ivana Maria França de Negri falando sobre as Lendas de Piracicaba com os alunos do sexto ano. Os livros sobre as lendas constam da grade do currículo escolar.

Valdiza Maria Capranico e Marly Percin fizeram a entrega do livro.

Na noite de 30 de agosto, na Câmara de Vereadores de Piracicaba, sessão solene de posse dos sete novos acadêmicos da Academia Piracicabana de Letras: Angela Maria Furlan, Antonio Filogênio de Paula Júnior, Bianca Teresa Rosenthal, Christina Negro Silva, Maria Madalena Tricanico de Carvalho Silveira, Marcelo Batuira da Cunha Losso Pedroso e Shirley Brunelli Crestana.



DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**Triênio 2022-2025**

Presidente - Vitor Pires Vencovsky
Vice-Presidente - Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto
Primeira Secretária - Ivana Maria França de Negri
Segunda Secretária - Valdiza Maria Caprânico
Primeiro Tesoureiro - Edson Rontani Junior
Segundo Tesoureiro - Alexandre Sarkis Neder
Diretoria de acervo - Raquel Araújo Delvaje

CONSELHO FISCAL

Waldemar Romano
Cássio Camilo Almeida de Negri
Aracy Duarte Ferrari

CONSELHO EDITORIAL

Evaldo Vicente
Edson Rontani Júnior
Ivana Maria França de Negri
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

GALERIA ACADÊMICA

- Alexandre Sarkis Neder** – Cadeira nº 13 (Dario Brasil)
- Angela Maria Furlan** – Cadeira nº 25 (Francisco Lagreca)
- Antonio Carlos Fusatto** – Cadeira nº 6 (Nélio Ferraz de Arruda)
- Antonio Filogenio de Paula Junior** – Cadeira nº 12 (Ricardo Ferraz de Arruda Pinto)
- Aracy Duarte Ferrari** – Cadeira nº 16 (José Mathias Bragion)
- Armando Alexandre dos Santos** – Cadeira nº 10 (Brasílio Machado)
- Barjas Negri** – Cadeira nº 5 (Leandro Guerrini)
- Bianca Teresa de Oliveira Rosenthal** – Cadeira nº 31 (Victorio Angelo Cobra)
- Carmelina de Toledo Piza** – Cadeira nº 29 (Laudelina Cotrim de Castro)
- Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira nº 19 (Ubirajara Malagueta Lara)
- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira nº 20 (Benedito Evangelista da Costa)
- Christina Aparecida Negro Silva** – Cadeira nº 17 (Virgínia Prata Gregolin)
- Edson Rontani Júnior** – Cadeira nº 18 (Madalena Salatti de Almeida)
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira nº 21 (José Ferraz de Almeida Junior)
- Elisabete Jurema Bortolin** – Cadeira nº 7 (Helly de Campos Melges)
- Evaldo Vicente** – Cadeira nº 23 (Leo Vaz)
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira nº 28 (Delfim Ferreira da Rocha Neto)
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira nº 33 (Fernando Ferraz de Arruda)
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira nº 1 (João Chiarini)
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira nº 34 (Adriano Nogueira)
- João Umberto Nassif** – Cadeira nº 35 (Prudente José de Moraes Barros)
- Leda Coletti** – Cadeira nº 36 (Olívia Bianco)
- Lídia Varela Sendin** – Cadeira nº 8 (Fortunato Losso Netto)

Marcelo Bатуíra da Cunha Losso Pedroso – Cadeira nº 15 (Archimedes Dutra)

Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – Cadeira nº 26 (Nelson Camponês do Brasil)

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira nº 3 (Luiz de Queiroz)

Maria Madalena Tricânico de Carvalho Silveira – Cadeira nº 14 (Branca Motta de Toledo Sachs)

Marisa Amáбилe Fillet Bueloni – cadeira nº 32 (Thales castanho de Andrade)

Marly Therezinha Germano Perecin – Cadeira nº 2 (Jaçanã Althair Pereira Guerrini)

Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira nº 9 (José Maria de Carvalho Ferreira)

Myria Machado Botelho – Cadeira nº 24 (Maria Cecília Machado Bonachela)

Newman Ribeiro Simões – Cadeira nº 38 (Elias de Mello Ayres)

Paulo Celso Bassetti – Cadeira nº 39 (José Luiz Guidotti)

Raquel Delvaje – Cadeira nº 40 (Barão de Rezende)

Shirley Brunelli Crestana – Cadeira nº 27 (Salvador de Toledo Piza Junior)

Sílvia Regina de Oliveira – Cadeira nº 22 (Erotides de Campos)

Valdiza Maria Caprânico – Cadeira nº 4 (Haldumont Nobre Ferraz)

Vitor Pires Vencovsky – Cadeira nº 30 (Jorge Anéfalos)

Waldemar Romano – Cadeira nº 11 (Benedicto de Andrade)

Walter Naime – Cadeira nº 37 (Sebastião Ferraz)

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



Impresso na

Primeira Leitura

a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

grafica@edconhecimento.com.br

Fone 19 3451-5440 / Whatsapp 19 99956-0056

